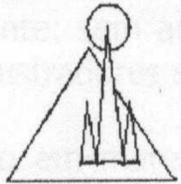


# SOMNIUM



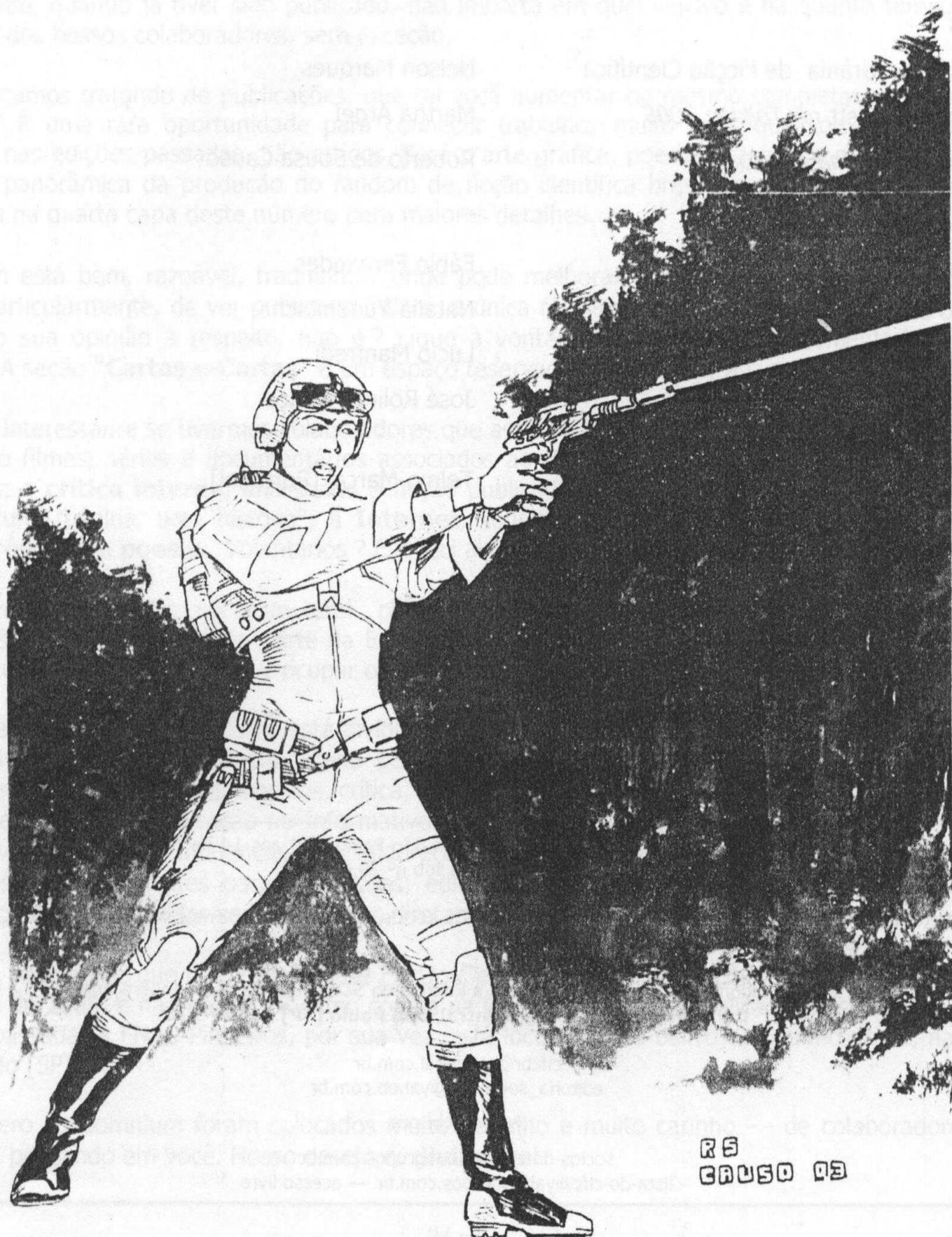
**C.L.F.C.**

1985

Publicação Oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica



2005



RS  
CAUSO 03

**SOMNIUM**® é o clubzine oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da Editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os artigos assinados estão creditados a seus respectivos autores e não refletem necessariamente a opinião da Editoria. As demais matérias estão sob responsabilidade da Editoria.

ANO 20 — Nº 92 — OUT/NOV 2005  
Editor: RCNascimento — Tiragem: 100

## ÍNDICE

<b>Capa</b>	Roberto de Sousa Causo	
<b>Editorial</b>		1
<b>Cartas e-Cartas</b>		2
<b>Artigos</b>		
▪ A Coleção Urânia de Ficção Científica	Nelson Marques	5
▪ Terry Pratchett na <i>Tolkien 2005</i>	Martha Argel	11
▪ Resenha: <i>A Ilha dos cães</i>	Roberto de Sousa Causo	13
<b>Contos</b>		
▪ O homem da casa amarela	Fábio Fernandes	14
▪ Caso arquivado	Natalia Yudenitsch	18
▪ Transparência	Lucio Manfredi	24
▪ O quarto do castigo	José Rolim Valença	25
<b>Legião Estrangeira</b>		
▪ O paciente	Telmo Marçal [Portugal]	29
<b>Outros</b>		
▪ Um pouco de história	Editoria	10, 12, 35

O Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC foi fundado em São Paulo [SP] aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob nº 79.416/86.

Sua Diretoria, para o biênio 2005/2007, está composta pelos sócios Alfredo Keppler Franz Neto [Presidente], Humberto Fimiani [Secretário Executivo] e Ataíde Tartari [Tesoureiro].

Toda correspondência para o CLFC e para a Editoria do *SOMNIUM* deve ser endereçada a:

**Caixa Postal 2105 - Ag. Central, São Paulo [SP] 01060-970**

clfcbr@attglobal.com.br

editoria\_somnium@yahoo.com.br

www.clfcbr.org

socios-do-clfc@yahoogrupos.com.br

lista-do-clfc@yahoogrupos.com.br — acesso livre

## EDITORIAL

O número anterior apresentou-se de forma diferente, não foi ? Pois é! pela primeira vez desde o número 13, de janeiro de 1987, o primeiro a ter uma capa ilustrada na sua verdadeira acepção, nosso clubzine deixou de ter uma ilustração em sua folha de rosto. Tradicionalmente, o espaço é reservado a arte produzida por um de nossos sócios ou membro do fandom — as exceções, como sempre, confirmam a regra. Ao [re]assumir a Editoria, recebi alguns poucos artigos, uns tantos contos e ... nenhuma arte, fosse para capa fosse para interior. Cheguei a disparar alguns pedidos para conhecidos ilustradores e editores solicitando-lhes a colaboração; redundante registrar que não obtive retorno. Pensei em "baixar" alguma arte via Internet, mas preferi uma "capa-protesto", em branco, para marcar o fato. E assim será doravante: sem arte de produção do fandom, enviada para publicação, então, capa em branco. Temos bons ilustradores e temos o espaço para acolher sua arte. O que está faltando ?

Falando em material recebido, acabei descobrindo, durante o inventário do que me foi passado pelo conselho editorial anterior, que um conto enviado ao Somnium acaba de ser publicado num fanzine irmão. Entendo perfeitamente a frustração de autores que, diante da irregularidade do nosso clubzine, buscaram outros espaços. Entretanto, entendo também que a ética manda que qualquer editor deva ser alertado pelo autor quando determinado original for enviado a mais de uma publicação e, muito especialmente, quando já tiver sido publicado, não importa em qual veículo e há quanto tempo. É isso que espero dos nossos colaboradores, sem exceção.

E já que estamos tratando de publicações, que tal você aumentar ou mesmo completar sua coleção do Somnium ? É uma rara oportunidade para conhecer trabalhos muito bons que somente podem ser apreciados nas edições passadas. São artigos, ficção, arte gráfica, poesia, crônicas e muito mais, numa verdadeira panorâmica da produção do fandom de ficção científica brasileira nos últimos 20 anos. Dê uma olhada na quarta capa deste número para maiores detalhes.

O Somnium está bom, razoável, fraquinho ? onde pode melhorar ? o que está faltando ? o que você gostaria, particularmente, de ver publicado ? Bem, a única forma da Editoria ficar sabendo disso tudo é conhecendo sua opinião a respeito, não é ? Fique à vontade para enviar seus comentários, críticas, sugestões. A seção "**Cartas e-Cartas**" é um espaço reservado para acolher a sua palavra. Use-as.

Será muito interessante se tivermos colaboradores que assumam temas voltados a **cinema e televisão**, comentando filmes, séries e documentários associados ao gênero; a **literatura** de FC&F, resenhando publicações; a **crítica interna**, analisando a ficção publicada em nossas páginas; a **quadrinhos** — o desafio é "uma página, uma história"; a **Internet**, sugerindo e comentando sites de interesse dos sócios; a **crônica** e a **poesia**. Voluntários ? Esqueci alguma coisa interessante ? Sugira !

Falando em colaboradores, por mim terei pelo menos uma presença feminina nas páginas de cada número deste nosso clubzine. De parte da Editoria, fica apenas o desejo; da parte de vocês, meninas, fica a oportunidade de satisfazê-lo e ocupar o espaço... ou não!

E antes que vocês perguntem, como está dividido o espaço das publicações do clube entre o Somnium e o Informativo Mensal ? A proposta, aceita pela Diretoria, é a seguinte — [1] ficam reservados para publicação no Somnium: contos, ensaios, crítica, resenhas, poesia, crônicas, quadrinhos, bibliografia, etc; [2] fica reservado para publicação no Informativo: noticiário em geral, ou seja, lançamentos de livros e filmes; novos sócios e mudanças de endereços; eventos como reuniões sociais, aniversários, nascimentos, óbitos; convites para exposições; editais e resultados de concursos, etc. Respeite-se o espaço de cada um — dúvidas serão dirimidas diretamente entre os respectivos editores. É isso.

Finalmente, registre-se que o lançamento de *Ficção Científica Brasileira*, de Libby Ginway, ocorreu no dia 27 de julho de 2005, e não no dia 28 como consta na legenda das fotos publicadas nas páginas 12 e 28 da edição passada. A FNAC-Pinheiros, por sua vez, está localizada no bairro de mesmo nome, na cidade de São Paulo [SP].

Neste número do Somnium foram colocados muito trabalho e muito carinho — de colaboradores e da Editoria —, pensando em você. Nosso desejo é: **divirta-se!**

## CARTAS e-CARTAS

Carta de Comentário

Prezado Nascimento:

Seja bem-vindo à sua antiga posição de editor do *Somnium*. Tenho certeza de que o fanzine vai entrar numa fase muito produtiva, com o seu retorno.

Legal você ter publicado o ensaio de Carlos A. A. Vidal; esse foi um dos textos mais positivos em relação ao meu livro, *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil* (que "incidentalmente" está disponível em <http://www.submarino.com.br>). Uma das coisas que achei mais interessante na visão do Prof. Vidal foi a forma como ele lança suas próprias opiniões e argumentos, a partir da leitura do livro. Só lamento que tenha se absterido de tratar da FC nacional – o que novamente confirma o estudo da FC brasileira como a província de poucos, entre eles o próprio Braulio, Fabiana da Camara e Libby Ginway.

O texto do Braulio tem aquela erudição e combinação inesperada de argumentos que caracteriza os seus ensaios. É interessante como ele (que foi recentemente citado no editorial da revista *EntreLivros*, em razão da antologia *Contos Fantásticos no Labirinto de Borges*, editada por ele) parece ter chegado a uma conclusão semelhante à de Robert Scholes, acadêmico americano conhecido dentro da FC por *Structural Fabulations* (Notre Dame: Notre Dame Press, 1975). Scholes é o autor do termo "*fabulation*" como designador de um texto de ficção que explícita o fato de *ser* ficção, que não tenta comunicar ao leitor uma veracidade do que é narrado. "Pois a ficção não nos oferece a transcrição da realidade, mas modelos sistemáticos distintos da realidade", segundo Scholes, que não foge de chamar a adesão absoluta a essa idéia, de "solipsista" – textos que parecem intencionalmente alienar o leitor. O mesmo recurso é conhecido ainda como "metaficção". Scholes também cunhou a expressão "*structural fabulation*" para designar a FC como um gênero que realiza o mesmo efeito "desconfortável" da *fabulation* ("Um distanciamento desse tipo está presente em grande parte da FC", nas palavras do Braulio), mas sem recorrer aos mesmos recursos formais. Por que, segundo Scholes, "não há questão em torno de 'registrar' o futuro ou de negar as suas realidades", já que "toda projeção futura é obviamente uma construção de modelos". "E libertada do problema da correspondência ou não-correspondência com alguma realidade presente", afirma, "a imaginação pode funcionar sem a auto-ilusão quanto aos seus meios e fins".

Scholes propõe que a ficção em geral possui duas funções essenciais, que ele chama de "sublimativa" e "cognitiva". A primeira "é um modo de dar uma forma satisfatória às nossas preocupações, um modo de aliviar a ansiedade, de tornar a vida suportável"; a segunda "ajuda-nos a conhecer a nós mesmos e à nossa situação existencial". Ele enxerga essas funções como importantes, e dá a entender que a *fabulation* estaria se afastando delas, em sua fascinação pelo próprio umbigo. Scholes vê na ficção científica uma forma de *structural fabulation*, na qual "idéia e história estão tão bem casadas que nos dão acesso simultâneo aos maiores prazeres que a ficção pode proporcionar: sublimação e cognição". Na FC, "o estranhamento é mais conceitual e menos verbal"; ou seja, "É a idéia nova que nos choca em nossa percepção, ao invés da linguagem nova do texto poético", como na ficção experimentalista ou formalista do *mainstream*. Como o tão citado Asimov colocou, a FC realiza o mesmo que a literatura de vanguarda, sem deixar de ser acessível.

Pra mim soa como uma vantagem, você não precisar freqüentar a faculdade de letras ou ler semanalmente o "Mais" da *Folha de S. Paulo* pra entender os conceitos que iluminam a leitura da maior parte da metaficção que anda por aí. Mesmo gente que dá aulas em universidades acha isso uma intermediação indevida, como disse Elizabeth Anne Hull quando visitou a Editora Aleph em 1991, com Frederik Pohl e Charles N. Brown. A metaficção não é estranha à FC, porém, como mostram os trabalhos de Kurt Vonnegut e Theodore Sturgeon (em quem igualmente entrava uma boa dose de melodrama pós-modernista, como também em Thomas M. Disch). Mais recentemente, vê-se o sucesso de textos como os da celebrada Kelly Link e de Ted Chiang ("Hell Is the Absence of God", prêmio Hugo 2002). No Brasil, o próprio Braulio e Ivan Carlos Regina são autores metaficcionais (antes deles, Paulo de Sousa Ramos, Ignácio de Loyola Brandão, André Carneiro).

Mas o texto do Braulio se encaminha para aquela velha distinção entre FC boa e ruim — ou como Brian Aldiss costuma afirmar, o problema da FC sendo o fato de que os maus escritores contaminam os bons, pela associação de todos pertencerem ao mesmo gênero. O que coloca a necessidade do autor "sério" se distanciar dos escritores puramente "comerciais" (ou do gênero em si, que é tido como comercial). Por que a "Lei de Sturgeon" não basta nestes casos, é um pouco difícil de entender. Afinal, o mesmo Scholes escreveu (na antologia *Nebula Awards Stories Ten*, de 1975, editada por James Gunn), que "O '*mainstream*', também, tem se afogado no esgoto de tempos em tempos, e nos tempos antigos deve ter havido muitos épicos ruins sendo cantados", e, "os últimos vinte e cinco anos de vencedores do Hugo se comparam muito favoravelmente com a lista dos ganhadores do Prêmio Pulitzer do mesmo quarto de século".

Quanto a colocar uma linha divisória entre aquela parte da FC que realiza o estranhamento e outra, aventureira ou popularesca, que não o faz, Orson Scott Card tem o seguinte a dizer (na introdução da sua antologia *Future on Fire*, de 1991): "A ficção científica não é lida por gente imbecil. Ela exige tanta participação inteligente da parte do leitor, que mesmo a ficção científica mais estúpida requer um extenuante exercício mental. E a maior parte desse esforço surge do fato de que a ficção científica, por definição, acontece num outro lugar. Um lugar estranho... A fim de receber uma história de ficção científica em primeiro lugar, o leitor deve realizar o ato radical de imaginar o que ele nunca viu, mapeando um território desconhecido a partir de pontos e pistas da história."

Até mesmo um metaficcionista como Samuel R. Delany (*The Einstein Intersection*) reconhece que a contradição entre o "nosso mundo" e o mundo inventado da FC é explícita, mesmo no nível frasal; o exemplo que ele dá é uma sentença de uma história de Larry Niven: "A mineração de mono-pólo magnético no Cinturão de Asteróides". Nem chegamos ainda ao cinturão, quanto mais minerá-lo – sem falar de uma forma de magnetismo que não dependeria de dois pólos! O leitor, para prosseguir, é forçado a imaginar essas coisas que não existem, criando uma superposição entre o "real" e o "ficcional".

Mas Braulio nos diz que a FC é um rótulo editorial, comercial, que não exprime um conceito literário. Arremata citando Umberto Eco, que afirma que a mídia de massa não tem genealogia – está fora da tradição literária no sentido de que seu objetivo não é integrar-se a ela; uma oposição que parece ter sido o gérmen dos termos "escritor de entretenimento" e "escritor de proposta", cunhados por José Paulo Paes. O primeiro só estaria interessado no aqui e no agora, e não na eternidade no panteão literário – vai ver, meio como Balzac, que escrevia para pagar a conta do fornecedor de bebida? O segundo se relaciona com o cânone literário, do qual tem consciência, emula ou se opõe (mas numa chave de oposição-na-continuidade).

O acadêmico inglês Clive Bloom (não confundir com o Harold) parece que discorda. Tanto que deu ao seu livro sobre literatura popular o título de *Cult Fiction: Popular Reading and Pulp Theory* (Nova York: St. Martin's Press, 1996). Nele, Bloom argumenta que a literatura popular (sob o termo "*pulp*") é expressão característica de sociedades capitalistas democráticas: "Se autores se tornam produtores e leitores se tornam consumidores, isto não é nem uma irracional escravidão ao mercado, nem uma revolução no avanço do bom-gosto. Ao invés, marca um estilo de negociação e de reaproximação na experiência de massa *democrática*... O verdadeiro *pulp* é uma recusa da consciência burguesa e das formas burguesas de realismo. Ele é capitalista, anárquico, empreendedor e individualista..." E ainda: "Nenhum estado realmente autoritário suporta a cultura *pulp* – ela cheira a anarquia e a não-conformismo e a subversão." E finalmente, a antítese à afirmativa de Eco: "Todas as culturas *pulp* conhecem o seu passado – sua linhagem é preservada, protegida e estimada mas apenas pelos iniciados. [E não é isso exatamente o fazemos no CLFC? FC é *cult*!] Todo *pulp* tem história – apenas artistas complacentes o ignoram, pela violência do pastiche benevolente. O *pulp* é todo profundidade como estilo – conforma essa mesma superfície se projetou sobre si mesma." Pois "no mundo marginal das *pulp magazines* e dos *paperbacks* descartáveis está a essência da imaginação dos nossos tempos. Muito mais do que nos artifícios estilísticos dos modernistas, aqui existe, com verrugas e tudo, o centro do *ensorium* moderno – nossa vida imaginativa vivida no instante e o contemporâneo tanto quanto o moral e o conservador."

Pois. A literatura de gênero só não existe como tradição literária por sua exclusão da cultura *sancionada* – não está nos livros de história literária nem nos cursos universitários.

Quanto à idéia paesiana do "escritor de proposta" e sua associação ao cânone, Bloom tem o seguinte a dizer: "A validação de uma obra contemporânea de literatura por referência à 'tradição' e ao aparecimento do assim chamado cânone da ficção... foi o resultado neurótico desta nova entidade, a obra de arte instantaneamente reconhecível." Segundo ele (que é associado à Middlesex University de Londres), outros conceitos literários como "gosto" ou "bom gosto" são evocados para justificar a inclusão ou a exclusão de uma obra no rol das aceitáveis: "Regras pareciam agora terem substituído o trabalho da longevidade e do reconhecimento comum. Uma vez aprendidas, essas regras podiam ser usadas para medir a nova obra literária..." E o gosto "era uma arma que tinha um poder de estética maior do que a mera estética", porque, para Bloom, a idéia de "gosto" ou "bom gosto" passa a ter uma função política de divisão social.

Em nenhum outro livro a condenação desse processo fica mais patente do que em *Os Intelectuais e as Massas*, de John Carey (São Paulo: Ars Poetica, 1993). Carey, um oxfordiano anti-modernista assim como o citado C. S. Lewis antes o fora, lança a primeira salva declarando que o argumento do seu livro é o de que "a literatura e a arte modernista podem ser vistas como uma reação hostil ao público leitor, que alcança agora um volume humano sem precedentes... Sugere que a finalidade da escrita modernista era excluir esses leitores recém-educados... preservando assim a segregação entre o intelectual e a 'massa'."

Até a Alta Idade Média, o aristocrata vivia numa fortaleza e comia com a mão e faca, a comida em cima de um pedaço de pão seco, os restos jogados ao cão piolhento ao seu lado. Com o surgimento da burguesia eles buscaram se diferenciar pelo refinamento no vestir, no comer e no falar. O análogo literário é a escrita difícil, do modernista – e mais tarde a "literatura conceitual", requerente de uma intermediação teórica, do pós-modernista. Bloom, novamente: "O conceito do gosto como sinônimo de sensibilidade refinada foi um dispositivo inerentemente conservador, antidemocrático e reacionário, servindo para separar e peneirar grupos separáveis não economicamente, em linhas tão invisíveis quanto aquelas do nefrologista ou do espiritualista." Em conjunção com a política de classes e com o acesso limitado à educação superior, "deste modo a ordem política nas incontáveis e industrializadas democracias de massa podia ser mantida por outros meios", porque, ainda segundo Bloom, "a criação canônica conseguiu tornar questões políticas e éticas em questões estéticas".

O aspecto comercial da literatura de gênero, como expressão de uma cultura capitalista democrática, é muito condenado nos círculos comerciais como manipulação do público ingênuo por parte da ideologia dominante, mas ele pode ser visto simplesmente como resposta à demanda do público – e portanto a resposta a uma opinião coletiva. Pois a tradição literária sancionada no cânone também é uma opinião coletiva – só que esse coletivo não está nas ruas mas no *establishment* acadêmico-literário, muitas vezes mascarada atrás da velha fantasia de que quem julga a perenidade de uma obra é o Tempo, essa abstração.

Clive Bloom dá a entender, quando fala do meio editorial na ordem capitalista como sendo instável, caótico, sendo o cânone um mecanismo de ordenação e hierarquização: "A criação de um cânone estável foi um componente

necessário desse sistema, uma tentativa de codificar e taxonomizar uma situação anárquica. Assim o cânone era inteiramente artificial e inteiramente necessário..." Um é o acelerador, o outro o freio; um é o cara que quer ver o circo pegar fogo, o outro é o sujeito sempre com o balde de água fria na mão. (E nesse sentido, pode ser que John W. Campbell Jr. tivesse algo mais em mente do que dar um chega pra lá nas tentativas de se definir a FC, ao dizer que ficção científica é tudo aquilo que os editores de FC compram.)

Mas se as regras para o reconhecimento imediato da obra como aceitável e meritosa podiam ser aprendidas, no limite, ao que isso pode levar? O crítico B. R. Myers, autor do polêmico *A Reader's Manifesto: An Attack on the Growing Pretentiousness of American Literary Prose* (Hoboken: Melville House, 2002) e hoje um editor-colaborador da revista *The Atlantic Monthly*, dá uma pista em sua resenha do romance de Jonathan Safran Foer, *Extremely Loud & Incredibly Close*, já elogiadíssimo pela crítica brasileira. Myers: "Ao final dos anos setenta o pós-modernismo havia degenerado de um espantoso ataque à narrativa tradicional, a um estilo tão previsível como qualquer outro; há, ao que parece, um número limitado de modos de se evitar contar uma história diretamente. Desde então aqueles com um interesse particular no movimento têm empregado vários truquezinhos, nem sempre conscientemente, para sustentar a sua primazia na literatura americana." E por aqui também, diria eu.

Imitação. Fórmula. Não são a FC e outras formas de literatura de gênero acusadas de limitarem-se a isso? Chegamos à conclusão de que dividir o mundo literário entre literatura séria e literatura comercial não certifica o *mainstream* de ser sempre original, brilhante e superior. A metaficção em particular vem se desgastando há algum tempo, assim como a postura elitista dos seus autores. A paisagem literária brasileira, por exemplo, está cheia dela (veja minha resenha de *A Ilha dos Cães*). E quando a gente se depara com truques metaficcionais em desenhos animados japoneses ou em um filme do Leslie Nielsen, já se vê que a coisa desceu do pedestal.

A imitação, a derivação e a superficialidade de efeitos em alguns casos são tão evidentes, e a reação positiva da crítica tão contraditória, que em seu livro Myers conclui que alguns dos grandes nomes do pós-modernismo americano atual conseguiram mistificar a maior parte do *establishment* literário americano, e livros repetitivos e vazios são saudados como instigantes e inovadores. Afinal, eles acenam com todas as bandeirolas de identificação de uma literatura (supostamente) instigante à mente e ao espírito do leitor (supostamente) bem-informado. E muitas vezes, apenas o acenar já basta.

Scholes, uma última vez: "Quando a ficção se torna analítica demais, introspectiva demais, grande e pesada demais, ela segue o caminho dos dinossauros."

É, mas talvez nada disso prove coisa alguma – exceto que sempre é possível convocar algum figurão para se sustentar um ponto de vista.

Agora, não consigo pensar num escritor brasileiro de FC mais metaficcional do que Ivan Carlos Regina – e tenho dificuldade para entender as razões de ele nunca ser citado quando o assunto é distanciamento ou estranhamento cognitivo e crítica da realidade moderna. Não sei se o Ivan partilha da minha percepção do desgaste da metaficção e do experimentalismo formal nos tempos de hoje (provavelmente não), mas acho interessante que o seu conto "Tetiverone" seja um texto metaficcional com menos experimentalismos do que aqueles da sua primeira fase. Haverá alguma ironia maior, dentro do sentido em que eu venho explorando aqui, no fato de ele colocar clichês do pensamento literário na cabeça de um robô-escritor, cansado de produzir livros comerciais? De qualquer forma, me agrada ver o Ivan buscando alternativas para a sua ficção, e o tom reflexivo e o modo desprezioso com o que a narrativa se desenrola me agradaram muito. O tom de conversa do narrador se funde bem aos diálogos que vêm a seguir, e que expandem e particularizam as reflexões que ele fizera antes, chegando a um final inesperado mas perfeitamente integrado ao assunto, nesse conto moderadamente metaficcional.

*Ficção Científica no Brasil*, da Libby, se abstém de tratar das diferenças entre *mainstream* e a literatura de gênero, e não oferece um juízo de valor literário sobre a maioria dos contos e romances que analisa em seu livro – apesar de eu ter insistido repetidamente, de que ela fizesse exatamente isso! E ainda dizem que eu a influenciei indevidamente em suas opiniões, se ela não fez nada do que eu disse! Achei ótima a cobertura que o *Somnium* deu do lançamento, e espero que ela interesse os seus leitores em adquirirem o livro, que tem enfoque e alcance inéditos dentro do assunto.

Martha Argel reaparece no fanzine com uma história ufológica, com formato e conteúdo humorístico que deve lembrar aos leitores mais fiéis e antigos do *Somnium* uma outra hilariante história da autora, "Consulte o Aurélio". Este "O Guarda-Mor, a Urutu Dourada e o Disco Voador" tem o melhor macarrônico caipira que vi em muito tempo, mas eu matei a resolução antes. É o problema com contos muito curtos – eles têm poucas alternativas e se entregam muito cedo. Talvez com uma outra situação, breve, antes dos velhinhos se revelarem, daria para despistar... E perto do fim há um erro tipográfico: "O outro velhinho jogou atirou o palheiro mal fumado..." A Martha com certeza ficou na dúvida quanto a um termo, corrigiu e esqueceu de deletar o primeiro.

Só faltou comentar a história do Carlos Orsi Martinho – agora apenas "Carlos Orsi", na capa do seu livro *Tempos de Fúria*, que estou louco pra ler e resenhar aqui no *Somnium*. Acho ótimo que tenha saído pela Novo Século, que tem lançado muito brasileiro novo, a maior parte ignorada pela gente do fandom. O livro do Carlos certamente vai trazer a editora para a atenção dos fãs, e elevar o nível do que eles estão publicando.

Ah! Notei que também voltou ao *Somnium* a pontuação distanciada das palavras. Maravilha, até parece que estamos na França! Talvez seja um bom presságio...

Grande abraço!

Roberto de Sousa Causo

rscauso@yahoo.com.br

## ARTIGOS

**A COLEÇÃO URÂNIA DE FICÇÃO CIENTÍFICA  
UM PROJETO COM 50 ANOS DE VIDA, MAIS DE 1.400 VOLUMES E  
CERCA DE 1.000 AUTORES PUBLICADOS**

Nelson Marques

Uma das coleções editoriais mais extensas e longevas que se tem notícia é a Coleção Urânia de Ficção Científica da Editora Mondadori, de Milão, Itália. Ela foi, originalmente, muito mais um projeto editorial completo na área de ficção científica, que incluía livros e uma revista, do que uma simples coleção de livros.

Nesse sentido, o projeto e a Coleção Urânia, que permaneceu posteriormente, são considerados, muitas vezes, como a "mãe" de todas as coleções de ficção científica. Quem pode concorrer com ela nesse título, apesar de ser um projeto menos ambicioso do que a da Mondadori, mas igualmente longo, é, apenas, a Coleção Argonauta, da Edição "Livros do Brasil", de Lisboa, Portugal, com os seus, até o momento, quase 560 volumes e cerca de 300 autores diferentes publicados (Nascimento, 1985; 1994; 1999; <http://www.livrosdobrasil.com>).

O "projeto" Urânia foi iniciado em 1952 por Arnoldo Mondadori, da Editora Mondadori, para ser dedicado inteiramente à ficção científica. A direção do projeto foi dada a Giorgio Monicelli, da mesma família do grande diretor de cinema Mario Monicelli. Giorgio foi, inclusive, o criador do neologismo italiano "fantascienza" para o termo inglês "science fiction".

Inicialmente foram criadas duas publicações (mais com caráter de revista), uma dedicada somente aos romances (integrais ou em partes), e a outra, aos artigos, contos, notícias e novidades do mundo da ficção científica. A primeira, sob o título de "Romanzi di Urania" ("Romances de Urânia") foi lançada no dia 10 de outubro de 1952. A segunda, chamada apenas de "Urania", ou "La Rivista di Urania", algumas semanas depois. Curiosamente, se esperava exatamente o contrário, a revista não teve vida fácil desde o princípio, sendo encerrada no seu número 14, em dezembro de 1953. Os romances, no entanto, tiveram grande sucesso, permanecendo em publicação até hoje, 53 anos depois!

Os "Romances de Urânia", inicialmente de periodicidade quinzenal, posteriormente a cada 10 dias, finalmente se estabilizaram com lançamentos a cada 14 dias, o que permanece até hoje. O nome da coleção, após o fiasco da edição da "Revista Urânia", muda para "Urania", simplesmente, a partir do volume de número 153, em junho de 1957. A estrutura da revista e da coleção, com o texto colocado em duas colunas, será uma das características mais marcantes das edições até o fim dos anos 90 do século passado. Os autores sempre foram os grandes nomes de clássicos da ficção científica, principalmente dos EUA. Infelizmente não foram bem sucedidas as tentativas de publicar autores italianos (mesmo com o uso de pseudônimos).

Monicelli permaneceu à frente da direção da coleção até a edição de número 267, no ano de 1961, mesmo deixando de ser o redator-chefe, cargo que ocupava desde o ano de 1952. Foi substituído por Andreina Negretti. Com a entrada de Carlo Fruttero, no ano seguinte, que passa à posição de curador da coleção, a partir do volume no. 281, e de seu colaborador Franco Lucentini, acontecem profundas modificações no projeto, tanto na sua forma, quanto no seu conteúdo. Além da continuidade na publicação dos clássicos do gênero, trazem também nomes novos, ainda não muito conhecidos na Itália à época (Ballard, Disch, Dick, etc.).

No fim dos anos 1960, novas e profundas alterações no projeto. "Urania" é dividida em 3 diferentes sessões: os romances, as antologias e outras obras variadas e ensaios. Mesmo com a concorrência de novas revistas, nos anos 1970, "Urania" permanece no topo da pirâmide editorial. Novas alterações internas ocorrem com a ascensão de Andreina à posição de redator-chefe e a entrada de Lea Grevi na sua posição anterior. Em 1989, novas e profundas alterações ocorrem com a entrada de Marzio Tosello como redator-chefe. O longo "reinado" de Fruttero e Lucentini na direção do projeto como um todo se encerra na marca do milésimo (!!!) número publicado, em 7 de julho de 1985 (*L'orlo della Fondazione, Foundation's edge*, 1982, de Isaac Asimov).

Pouco tempo depois, tanto Andreina, quanto Karel Thole, o grande "capista" do projeto Urânia, que havia entrado na mesma época de Lucentini e Fruttero, deixam também a "Urania". O projeto tem continuidade com Gianni Montanari como redator-chefe e curador, que traz uma série de novos autores da última geração, ao lado da continuidade de lançamentos dos grandes clássicos. Com ele é criado, inclusive, o Prêmio Urânia com o intuito de premiar e lançar autores italianos. Apesar das poucas

informações disponíveis fora da Itália, sabe-se que o prêmio foi dado em 1972, correspondente ao ano de 1971, 1975 (1974), 1976 (1975), 1977 (1976), 1978 (1977), 1979 (1978), 1980 (1979), 1981 (1980), 1991 (1990) e 1992 (1991). Não houve premiação nos anos 1972, 1973 e de 1982 até 1990 (Mallett e Reginald, 1993).

No fim dos anos 1980, novas e profundas mudanças ocorrem com a entrada de Stefano di Mauro, escritor, Oscar Chichoni, "capista" e Giuseppe Lippi, curador. Nos anos 1990, "Urania" continua sendo um dos bons projetos do mundo da ficção científica, fora do circuito anglo-saxão. Houve ainda, em 1994, uma tentativa de lançar apenas romances inéditos (pelo menos na Itália), que, infelizmente, fracassou frente às leis de mercado. Além disso, frente à concorrência de outros títulos editoriais e propostas de revistas supereconômicas, "Urania" reduz o seu formato, perde a tradição do texto em duas colunas por página e as ilustrações mudam continuamente de autores e de estilo, levando a uma perda da sua unidade conceitual e estilística, pelo menos segundo o conceito de uma parte de seus fãs e colecionadores.

Felizmente, pelo menos para parte de seus críticos, "Urania", no início dos anos 2000, muda novamente. Desta vez para melhor, aumentando o âmbito do projeto com o fortalecimento da edição de três novas coleções separadas, com os títulos "Classici Urania", "Millemondi" e "Fumetti di Urania", que já vinham sendo publicadas anteriormente.

Apesar de todas as atribuições, transformações estilísticas e conceituais no projeto Urânia, pode-se considerar a existência de apenas uma "série" de livros e revista, que chamaremos globalmente, a partir de agora, de Coleção Urânia de Ficção Científica, já que a numeração dos volumes sempre foi progressiva. Deve-se lembrar, no entanto, como veremos mais à frente, que há diversas outras coleções menores, chamadas, afetivamente ou "raivosamente", de coleções "Filhas de Urânia".

Em relação às coleções "filhas de Urânia" há uma relação de "amor e ódio" de seus fãs e colecionadores. Alguns consideram estas coleções como parte integrante e indissociável da coleção principal. Outros, no entanto, consideram-nas supérfluas e apenas produtos oriundos do interesse comercial da editora Mondadori. Muitos até a chamam, de maneira pejorativa, de "coleçõeszinhas" variadas, mesmo que as mesmas tenham títulos de qualidade, como veremos, quando apresentarmos as diversas coleções "acessórias" de maneira individualizada, no final deste ensaio.

Tanto estas, quanto a coleção principal variaram ao longo do tempo (desde o ano de 1952 do século passado, quando de seu início) em termos da frequência de publicação, da aparência gráfica, das cores e desenhos da capa, incluindo, inclusive, o formato das diferentes edições. Frente aos seus mais de 1.400 volumes, só na coleção principal, diversos fãs da coleção procuraram uma forma de poder diferenciar os diversos volumes em suas diversas épocas, especificando formatos, cores das capas, desenhos e símbolos identificadores. É possível, então, fazer-se uma descrição pictórica dos seus volumes que serve, inclusive, como uma história da coleção, através de símbolos marcadores.

Como a história é parte importante neste artigo, podemos dizer que "...tudo começou com o chamado "I Romanzi di Urania"...", com o primeiro volume lançado no dia 10 de outubro de 1952, em formato grande e de capa branca, com o título *Le sabbie de Marte* (*The sands of Mars*, 1951), de Arthur C. Clarke. Ao mesmo tempo era lançada também *La Rivista di Urania* que, infelizmente para os seus leitores, durou até dezembro de 1953, sendo editados apenas 14 números,

A série de livros "I Romanzi di Urania", de formato grande, chamada de "Antiga" ("Antiche"), ou de capa branca ("costa bianca"), ou chamada apenas de série branca, nos diversos sítios da Internet dedicados à coleção,

<http://www.uraniamania.com> <http://www.fantascienza.net/users/uraniandco;>

<http://www.mondomania.com> <http://www.mondourania.com;>

[http://www.salvor.it/urania,](http://www.salvor.it/urania)

foi até o volume de no. 152, de 23 de maio de 1957 (*Crisi 2000*, *Crisis 2000*, de Charles Eric Maine, originalmente lançado em 1955). A partir do volume de no. 153, de 6 de junho de 1957, *L'universo fantasma* (*Les cuisines du Sirius*), obra de 1956 de A. Sobra, até o volume de 27 de fevereiro de 1958, o de no. 172, *Asteroide 588 Achille* (*Le troisième bocal*), obra de 1956 de Jean Gaston Vandell, a coleção passa a ostentar, ainda na "costa branca", apenas o título Urania. Permanece nesse formato grande até o no. 272, de 31 de dezembro de 1961 (*Gli infiniti ritorni*, sem título original, de Marren Bagels), mudando apenas a cor da capa, agora na cor vermelha ("costa rossa"), desde o volume de no. 173, de 16 de março de 1958 (*Il dominatore delle stelle*, *Embuches dans l'espace*, de Mark Starr, publicada originalmente no mesmo ano).

A mudança de formato do tamanho grande para o pequeno, mas ainda na série chamada "Antiche", e que caracteriza os volumes da Coleção Urânia até hoje, ocorreu com o lançamento, em 14

de janeiro de 1962, do volume de no. 273, *Le due facce del tempo (Starman's quest)*, obra de 1959 de Robert Silverberg. Este formato também sofreu várias transformações ao longo dos anos, na cor da capa e nos diversos símbolos identificadores. Inicialmente, num formato "pocket", ainda mantendo a cor vermelha na capa (série "costa rossa"), foi até o volume de no. 280, de 22 de abril de 1962 (*La città sostituita, A glass of darkness*, de Philip K. Dick, publicada originalmente em 1953).

O livro de no. 281, de 6 de maio de 1962, *Polvere di Luna (Fall of moon dust)*, obra de 1961 de Arthur C. Clarke, foi o volume inicial de uma nova série, novamente de cor branca na capa, mas tendo agora um losango identificador no canto superior esquerdo e uma imagem sugestiva da história, colocada num requadro ocupando praticamente toda a capa. Essa série vai até 31 de maio de 1964, com o lançamento do volume no. 335, intitulado *Tutti i colori del buio (All the colors of darkness)*, de Lloyd Biggle, que havia sido publicada originalmente em 1963.

A partir do volume de no. 336, uma antologia de histórias de A. E. Van Vogt e outros, de título *I traditori e altri racconti* (sem título original), publicado em 14 de junho de 1964, inicia-se a chamada série "losango 2", com a imagem colocada num círculo no centro da capa. O losango, por sua vez, deixa de usar a cor azul, característica da série anterior, e vai até o volume de no. 457, de 12 de março de 1967, *B.E.S.T.I.A. (B.E.A.S.T. - Biological evolutionary animal stimulation test)*, obra de 1956 de Charles Eric Maine.

A chamada série clássica, foi iniciada com o volume de número 458, de 26 de março de 1967, com o livro de título *Psicospettro (Psychogeist)*, de 1966, de autoria de L. P. Davies. Essa série que vem, praticamente, até os nossos dias, mais exatamente até o volume de no. 1284 que foi lançado em 26 de maio de 1996, e apresenta a capa branca e uma figura ilustrativa da história colocada dentro de um círculo de borda vermelha. O título foi *Il pozzo delle anime (Midnight at the well of souls)*, de Jack Chalker, obra de 1977.

As chamadas séries modernas, até agora foram 3 diferentes, foram iniciadas com o lançamento do volume de no. 1285, em 9 de junho de 1996, *Luce virtuale (Virtual light)*, de William Gibson, obra de 1993, do no. 1388, em 21 de maio de 2000, *La moglie dell'astronauta (The astronaut's wife)*, de Robert Tine e do no. 1410, em 25 de março de 2001, *Condizione venere (Greenhouse summer)*, obra de Norman Spinrad, publicada originalmente em 1999, e chamadas, respectivamente, de série moderna 1 ("pocket negro"), série moderna 2 (com requadro com um código de barra dentro) e série moderna 3 (com o título Urania num requadro na parte superior da capa), que é o padrão básico até os dias de hoje.

Os volumes finais da série moderna 1, no. 1387, de 7 de maio de 2000 e série moderna 2, no. 1409, de março de 2001, apresentaram os trabalhos de Alfred Bester e Roger Zelazny, *Psyconegozio (Psychoshop)* e Richard Calder, *L'ultima invasione (The twist)*, 1999, respectivamente. O volume mais recente lançado, o de no. 1495, ainda mantendo o mesmo padrão gráfico da série moderna 3, é de 4 de fevereiro de 2005, com uma história de Elizabeth Moon, de 2003, *La velocità del buio (The speed of dark)*.

Em relação às coleções "filhas", colocadas ao lado da Coleção Urânia principal, há algumas mais consistentes, durando um intervalo de tempo razoável, e outras que tiveram um curto período de existência (fornecendo material significativo para aqueles detratores das intenções comerciais da Editora Mondadori). De que qualquer modo, sempre são coleções de ficção científica e, além disso, ostentam, em algum lugar da capa, o nome "Urania". Pode-se destacar: "I Classici di Urania" e a "Millemondi", entre as mais consistentes e uma série das chamadas coleções menores (ou "coleçõeszinhas", segundo os fãs da linha de "ódio"), "Biblioteca di Urania", "Urania Argento", "Urania Blu", "Urania Fumetti", "Urania Residente Evil", "Urania Doc Savage", "Urania Speciale", "Urania Collezione", "Urania Fantasy" e algo relativamente indefinido chamado de "Urania Numeri Speciali".

A coleção "I Classici di Urania", uma das mais longas e duradouras desta categoria de "coleções filhas", tem a série "Antiche", com volumes numerados de 1 a 230 e "Moderne", do no. 231 ao 309. É composta, no entanto, em razão de características gráficas diferentes, por três subséries diferentes na série "Antiche": "Classici Fantascienza" (capa branca, figura num requadro), do no. 1 ao 81, "Classici di Urania" (capa branca, figura num círculo de borda vermelha), do no. 82 ao 109 e "Classici di Urania 2" (círculo vermelho no canto superior esquerdo, capa com figura), do no. 110 ao 230, e quatro subséries dentro da série "Moderne": "Classici di Urania, Pocket Bianchi" (figura num círculo de borda vermelha), "Classici di Urania, Pocket Neri", "Classici di Urania, Riquadro" (requadro com código de barra) e "Classici di Urania, Titolo grande" (com figura dentro de um círculo vermelho).

Nesta coleção destacamos alguns títulos: volume no. 1, publicado em abril de 1947, *Universo (Orphans of the sky)*, 1965, de Robert Anson Heinlein; no. 230, de maio de 1996, *Novilunio (The*

wanderer, 1964), de Fritz Leiber; no. 231, de junho de 1996, *Galassie come granelidi sabbia* (*Galaxies like grains of sands*, 1960), de Brian W. Aldiss e o último da série, no. 309, de dezembro de 2002, *I principi demoni 5: Il libro dei sogni* (sem título original, mas pertencendo à série iniciada no volume no. 290, de maio de 2001, *I principi demoni*, *Star king*, 1964), de Jack Vance.

A coleção "Millemondi" é uma daquelas que sofreram transformações as mais variadas, até conseguir uma certa estabilidade. Começou como edição anual em 1971, passou a semestral em 1973 e a trimestral em 1994, constituindo a chamada série "Antiche". A partir desta data uma nova subsérie é iniciada ostentando uma numeração progressiva. A edição trimestral se fixou, de maneira definitiva, com a edição de número 9 e a partir do número 10, é iniciada a chamada série "Moderne", que é composta por três subséries diferentes: "Pocket Neri", do número 10 ao 25, "Riquadro codice barre", do no. 26 ao 29 e "Titolo grande" (com a figura num círculo vermelho), do volume no. 30 até o no. 33 (Inverno 2001), ainda com periodicidade trimestral e, a partir do volume de no. 34, até o no. 39, em 2004, voltando à periodicidade semestral.

Desta coleção destacamos: da subsérie "Urania annuale", de junho de 1971, *Trilogia galattica* (sem título original), de Isaac Asimov; da "Urania semestrale", de novembro de 1973, "Inverno", *3 romanzi completi* (sem título original), de Frederic Brown; da "Urania trimestrale", no. 1, "Inverno", de outubro de 1994, *1 romanzo e 11 racconti* (sem título original), diversos autores e o no. 9, "Inverno", de novembro de 1996, *Supernovae. II parte* (sem título original), autores diversos; da subsérie "Pocket neri", no. 10, de março de 1997, *Il regno del crepuscolo* (sem título original), contos de diversos autores; da subsérie "Titolo grande", que vem até os nossos dias, volume no. 39, "Inverno", de novembro de 2004, *Pionieri dell'infinito* (sem título original), de Jerry Sohl, Jacques Spitz e Edmund Hamilton.

Das chamadas coleções menores, falamos inicialmente da revista "La Rivista di Urania", lançada de forma concomitante com os "Romanzi di Urania". Permaneceu em circulação de 1º de novembro de 1952 a 14 de dezembro de 1953, sendo lançados apenas 14 números. Se lembrarmos também de algumas de nossas revistas – *Cine-Lar Fantastic*, *Fantastic*, *Isaac Asimov Magazine* e *Magazine de Ficção Científica* –, todas também com pouco tempo de sobrevivência, algumas até com um brevíssimo tempo de existência, não é de estranhar o pouco fôlego dessa publicação periódica. A manutenção das mesmas parece ser uma tarefa de muita dificuldade para os seus editores.

Das outras séries, a "Urania Doc Savage", que é um ciclo de romances de aventuras com o famoso personagem americano dos anos 30, teve 18 volumes publicados entre 1974 e 1975; a "Biblioteca di Urania" durou apenas 12 números, indo de 1978 a 1983. A "Urania Blu", quase que um suplemento da série "I Classici", permaneceu igualmente por um período de um ano, entre 1984 e 1985, tendo, no entanto, apenas 4 volumes publicados.

Podemos destacar destas três séries: na "Doc Savage", o volume no. 1, de julho de 1974, *La terra dell'eterna notte* (*Land of always night*, [1935], 1963), de Kenneth Robeson e o volume de no. 18, de título *La legione delle spettri* (*The spook legion*, [1935], 1963), também de Kenneth Robeson; na "Biblioteca di Urania", volume no. 1, de março de 1978, *Planeta Tschai* (sem título original), de Jack Vance e o no. 12, o último, publicado em junho de 1983, *Cosmoline B-2* (sem título original), de Frederick Brown; na "Blu", o volume no. 1, de abril de 1984 e o no. 4, de abril de 1985, respectivamente, *Guida alla fantascienza* (Asimov on science fiction, 1981), de Isaac Asimov e *Testi e note* (*Buy Jupiter and other stories*, 1975), também de Isaac Asimov.

Há outras séries que chegaram mais próximas de nós: a "Urania Fantasy", iniciada em 1988 e dedicada ao campo da fantasia, mas publicando também muita coisa de ficção científica, foi uma das mais duradouras. Esta série também é constituída de subséries: "1ª série", do volume de número 1 ao 79, de 1988 a 1995, as "Antologias semestrais" (de no. 1 ao 5), entre os anos 1992 e 1994 e a "2ª série", iniciada em 2001, vindo até os nossos dias, tendo já 5 volumes publicados, sendo último em 2004; a "Urania Argento", que durou apenas um ano, de março de 1995 a fevereiro de 1996, com 14 volumes publicados no período; a "Urania Fumetti", teve apenas 3 volumes lançados, todos no ano 2000, entre os meses de junho e julho, enquanto que a "Urania Residente Evil", inspirada no videogame homônimo, teve 6, de outubro de 2001 a maio de 2002.

Dessas séries destacamos: da "Argento", o volume 1, março de 1995, *Domani le stelle* (*The worthing [chronicle]*, 1983), de Orson Scott Card e o volume 14, o último da série, de fevereiro de 1996, *Lo scudo del tempo* (*The shield of time*, 1990), de Poul Anderson; da "Fumetti", o volume 1, julho de 2000, *Nathan Never futuro remoto*, de Medda, Serra e Vigna e o volume 3, agosto de 2000, *Nello spazio*, de Jeff Hawke e Sidney Jordan; da "Resident Evil", também o volume 1, de outubro de 2001 e o último, no. 6, que foi lançado em maio de 2002, *Tyrant il distruttore* (*The umbrella conspiracy*, 1998) e *Codice Veronica* (*Code: Veronica*, 2001), respectivamente, ambos de S. D. Perry e na "Fantasy", o volume no. 1,

da "1ª série", de junho de 1988, *I giorni del cervo* (*Hart's hope*, 1983, 1986), de Orson Scott Card e o no. 79, da mesma série, publicado em outubro de 1995, *Sulle orne del re* (*After the king. Stories in honor of J. R. Tolkien*, 1992), de Martin H. Greenberg, atuando como editor. Da subsérie "Semestrale", o volume no. 1, Verão 1992, de maio de 1992, *I venti della notte* e *L'angelo della morte* (*Night winds*, 1978 e *Death's angel shadow*, 1973), de Karl Edward Wagner e o volume no. 5, Verão 1994, de maio de 1994, *La legione degli eroi* (sem título original) e sem autoria definida. Finalmente, da "2ª série", o volume no. 1, de agosto de 2001 e o de no. 5, de julho de 2004, com os títulos, respectivamente, *L'ultima imperatrice* (*The dowager empress and the wolfman, Swordsman*, 2001), de Jordan Wong Lee e *Leggende de Earthsea* (*Tales from Earthsea*), de Ursula K. Le Guin.

Completando a série das coleções filhas há, ainda, as chamadas, "Urania Speciale", que, em geral, são volumes de números suplementares aos volumes de números normais (foram iniciados em 1998 e publicados, até o momento, 19 volumes), "Urania Collezione", iniciada em 2003, substituindo os "Clássicos de Urânia", com o número mais recente publicado no começo deste ano e os "Numeri Speciali" que complementam volumes já lançados ou homenageiam algum evento especial.

Começando pela série "Speciale", considerados suplementos ao volume de número normal, destacamos o volume de no. 1, correspondente ao volume 1342 da coleção principal (por isso mesmo é chamado também de 1342 bis), publicado em agosto de 1998, *La sfera spezzata* (*The shattered sphere*), de Roger McBride Allen e o mais recente, o de no. 19 (1493 bis), lançado em dezembro de 2004, *Mille e una galassia. Il meglio della fantascienza* (*Year's best SF 6*), de David G. Hartwell, atuando como editor; da série "Collezione", destacamos também o volume no. 1, que foi lançado à luz em março de 2003 e o último, volume de no. 24, de janeiro de 2005, com os títulos *Io, robot* (*I, robot* [1950], de Isaac Asimov e *Solaris* (idem), de Stanislaw Lem, respectivamente.

Finalmente chegamos aos "Numeri Speciali" que poderiam até constituir um capítulo à parte dentro do projeto Urânia, tamanha é a sua variedade de estilos e relações com a coleção principal e as coleções filhas. Em alguns dos "sites" consultados este grupo constitui uma classificação à parte. Em outros são considerados também à parte, englobando, no entanto, a série que descrevemos acima, a "Urania Speciale". Enfim, como a confusão é grande, é melhor pecar pela redundância e repetir, em alguns momentos, os números já descritos em outras seções.

No levantamento mais completo, referente aos "Numeri Speciali", que começa em 1963-1964, faz-se referência à série "Numeri bis Antichi". São aqueles que apresentam na capa um losango duplo, onde o menor tem o título "I capolavori di Urania". Mais uma vez, os números apostos na capa se relacionam com o da coleção principal (daí a nomenclatura de "numero bis", como já vimos). Nesta série foram publicados 8 números (307 bis, 312 bis, 317 bis, 321 bis, 323\* bis, 325 bis, 329 bis e 333 bis). O 323\* bis é um número ainda mais especial, pois é o volume que tem uma história em quadrinhos do personagem "B.C." (em português ?????). Na série "Numeri bis Moderni" (constituindo para alguns a série "Urania Speciale") há uma correspondência variada com as diversas subséries: do volume de número 1 até o de número 8, os "números bis" são relacionados com a subsérie "Pocket Neri"; os volumes 9, 10 e 11, com a subsérie "Riquadro codice barre", o de no. 12, com a subsérie "Arancioni", o 13 com a subsérie "Neri moderni". Os números bis passam a ter uma numeração única e progressiva a partir da série "Urania Speciale" 1 que se relaciona com o número 1342 (como vimos anteriormente, com o volume de no. 1342 bis).

Há números especiais relacionados com a série "Millemondi" (que tinha 4 volumes publicados por ano, Primavera, Verão, Outono e Inverno), constituindo os "Speciali Millemondi", resultando, portanto, em cinco volumes publicado por ano, na série. Foram publicados no Verão ("Estate") de 1998 (volume no. 16), Verão de 1999 (no. 21), Verão de 2000 (no. 26) e Verão de 2001 (volume no. 31). Houve ainda, dois suplementos a outras revistas: *Panorama*, no. 588, de 26 de julho de 1977, e *Panorama*, no. 589, de 2 de agosto de 1977, que tinham os encartes "MiniUrania 1", com a história *Um biglietto per Tranai* (sem título original), de Robert Sheckley e "MiniUrania 2", com *Il problema della servitù*, também sem o título original, obra de William Tenn. Houve ainda um número de homenagem ainda mais especial, realizado em maio de 1989 para os fãs de ficção científica, pelo pessoal da redação da "Urânia", com os títulos mais significativos, aos quais foi ofertado o "Oscar della Fantascienza Mondadori" (*Ommaggio Oscar. 25 racconti che hanno fatto Urania*).

Destes números especiais, destacamos: volume de no. 307 bis, de maio de 1963, *Il risveglio dell'Abisso* (*The Kraken wakes*, [1953]), de John Wyndham; no. 323\* bis, dezembro de 1963, *B.C.*, de J. Hart (são as tiras de Johnny Hart publicadas em "Urania" até o final de 1963, além de material inédito); no. 333 bis, maio de 1964, *Anni senza fine* (*City*, [1952]), Clifford D. Simak; no. 1, de agosto de 1998, é o volume 1342 bis, já referido na série "Urania Speciale" (aparece a palavra "Speciale" no canto superior

direito da capa), *La sfera spezzata (The shattered sphere)*, de Roger McBride Allen. O volume no. 1342, da série principal, de agosto de 1998, é o livro de Valério Evangelisti, *Chemdek* (idem); no. 8 (1384 bis), março de 2000, *Aidoru (Idoru)*, William Gibson; no. 9 (1388 bis), de maio de 2000, *Le pottenze dello spazio (Rogue powers)*, Roger McBride Allen; no. 11 (1398 bis), outubro de 2000, *Frank Carlucci investigatore (Carlucci's heart, 1997)*, Richard Paul Russo; no. 12 (1450 bis), outubro de 2002, *Cinquant'anni di futuro*, número "Speciale Anniversario" da redação; no. 13 (1469 bis), julho de 2003, *Floyd Frugo, uma favola no-global*, de Vincenzo Onorato; "Estate 1998", no. 16, de junho de 1998, *Le trappole dell'ignoto (The year's best science fiction 2)*; "Estate 1999", no. 21, de junho de 1999, *Ai confini della galassia. La spedizione della V flotta* (sem título original), Edmond Hamilton; "Estate 2000", no. 26, de agosto de 2000, *Avventure nell'ignoto (1ª. Parte)* (sem título original); "Estate 2001", no. 31, julho de 2001, *Planeti per tutti* (sem título original).

#### Referências Bibliográficas

- Mallett, Daryl F. e Robert Reginald. 1993. *Reginald's Science Fiction and Fantasy Awards*. Borgo Literary Guides # 1, San Bernardino, Califórnia: The Borgo Press. 3ª edição, p. 107-108.
- Nascimento, Roberto C. 1985. *Quem é quem na ficção científica, vol. I. A Coleção Argonauta*. São Paulo: João Scortecci Editor.
- Nascimento, Roberto C. 1994. *Quem é quem na ficção científica, vol. II. Catálogo de ficção científica em língua portuguesa 1921-1993*. São Paulo: Qanat Fantasia & Ficção Científica.
- Nascimento, Roberto C. 1999. *Edição comemorativa da publicação do volume 500 da Coleção Argonauta*. São Paulo: CLFC – Clube de Leitores de Ficção Científica e Qanat Fantasia & Ficção Científica.
- Site da Internet, Fantascienza, <http://www.fantascienza.net/users/uraniandco>, acesso em 23 de dezembro de 2004.
- Site da Internet, Edição "Livros do Brasil", <http://www.livrosdobrasil.com>, acesso em 20 de fevereiro de 2005.
- Site da Internet, Mondomania, <http://www.mondomania.com>, acesso em 24 de janeiro de 2005.
- Site da Internet, Mondo Urania, <http://www.mondourania.com>, acesso em 30 de janeiro de 2005.
- Site da Internet, Urania: storia, <http://www.salvor.it/urania>, acesso em de 23 de dezembro de 2004.
- Site da Internet, Uraniamania – Urania, Romanzi di Urania, Fantascienza, Fantasy, Horror, Fumetti, <http://www.uraniamania.com>, acesso em 24 de janeiro de 2005.

### UM POUCO DE HISTÓRIA

Como foi dito na abertura do Editorial do número anterior, o número zero deste nosso clubzine foi publicado em dezembro de 1985, mesmo mês em que foi realizada a Assembléia Geral Ordinária de fundação do Clube.

Aquele primeiro exemplar ainda não tinha nome, pois a idéia era que este fosse escolhido pelos sócios através de concurso.

O clubzine circulou "pagão" até o número 6, de junho de 1986. No mês seguinte, o número 7 já ostentava seu nome de batismo: *Somnium* — proposto por José dos Santos Fernandes, do Rio de Janeiro, e vencedor daquele certame.

Mas antes disso, no número 5, de maio de 1986, nosso "boletim oficial" trouxe sua primeira ilustração. De autoria de Roberto de Sousa Causo, inaugurou em nossas páginas a iconografia de FC&F de autores brasileiros voltados ao gênero, todos membros do fandom e a maioria sócios do CLFC.

Mas estas primeiras ilustrações eram de pequeno porte e foram usadas nos poucos espaços deixados pelo texto.

(continua na página 12)

## TERRY PRATCHETT NA "TOLKIEN 2005"

Martha Argel

O escritor Terry Pratchett recebeu o 'Prêmio de Fantasia Mítica para Literatura Infantil 2005', anunciado no dia 14 de agosto durante a conferência Tolkien 2005, realizada em Birmingham, Inglaterra. O prêmio foi conferido por seu livro *A Hat Full of Sky*, 32º título da série Discworld. O prêmio (em inglês, Mythopoeic Fantasy Award for Children's Literature) é uma honraria concedida a obras destinadas a leitores mais jovens, na tradição do Hobbit e das Crônicas de Narnia.

Terry Pratchett, um inglês nascido em 1948, é atualmente considerado um dos grandes autores da literatura fantástica mundial, com cerca de 40 milhões de livros vendidos em 27 idiomas. É reconhecido também como um dos melhores escritores contemporâneos de humor e sátira.

Hilariantes, seus livros estão repletos de citações, quase sempre distorcidas de forma inesperada e divertida. Uma característica marcante da escrita de Terry Pratchett é que o humor, sempre desenfreado, não interfere na emoção da narrativa, na aventura e no suspense das histórias, graças a sua inspirada habilidade como contador de histórias.

Sua obra mais conhecida é a extensa série Discworld, fantasia humorística repleta de paródias e críticas inteligentes.

Discworld é um mundo em forma de disco apoiado nos ombros de quatro elefantes gigantes, que estão sobre uma imensa tartaruga que nada lentamente através do espaço. Todos os elementos dos contos de fadas, dos épicos de cavalaria, da fantasia clássica aparecem ao longo dos mais de 30 volumes que compõem a série: bruxas, nobres, demônios, disputas de poder, batalhas violentas, profecias, dragões. As tramas e cenários nos quais se inserem, porém, são os mais bizarros possíveis. Terry Pratchett é capaz de usar como fonte de inspiração praticamente qualquer aspecto da vida moderna ou da cultura mundial. Física quântica, religião, filosofia, história, política, mitologias, folclore, clássicos como Shakespeare e Homero, a cultura pop, obras de Hollywood, novelas policiais, RPG, movimentos de minorias, racismo, feminismo, economia global, corrupção, clichês da ficção científica e sabe Deus mais o quê são para ele uma fonte inesgotável de humor. O que o leitor quiser, vai encontrar em Discworld, mas não provavelmente do jeito que espera.

Terry Pratchett publicou seu primeiro livro, *The Carpet People*, em 1971. Em 1983, inaugurou a série Discworld com *The Colour of Magic* (no Brasil, *A Cor da Magia*). Em 1987, tornou-se escritor em tempo integral. Além da série Discworld, publicou outros doze livros, incluindo obras infantis e um volume sobre gatos. Publicou alguns livros em parceria, e entre seus co-autores está Neil Gaiman. Também colaborou em obras sobre o universo de Discworld, tem contos em coletâneas e prefaciou livros de outros autores.

No Brasil, os livros de Terry Pratchett são publicados pela Conrad Editora, que lançou oito títulos até o momento.

A lista completa dos vencedores do 2005 Mythopoeic Award é a seguinte:

- Mythopoeic Fantasy Award for Adult Literature: Susanna Clarke, por *Jonathan Strange & Mr. Norrell*
- Mythopoeic Fantasy Award for Children's Literature: Terry Pratchett, por *A Hat Full of Sky*
- Mythopoeic Scholarship Award in Inklings Studies: Janet Brennan Croft, por 'War and the Works of J.R.R. Tolkien'
- Mythopoeic Scholarship Award in Myth and Fantasy Studies: Stephen Thomas Knight, por 'Robin Hood: A Mythic Biography'

**Série Discworld, publicada no Brasil pela Conrad Editora** (<http://www.lojaconrad.com.br>)

1. **The Colour of Magic** (1983). ..... No Brasil, **A Cor da Magia**
2. **The Light Fantastic** (1986)..... No Brasil, **A Luz Fantástica**
3. **Equal Rites** (1987). ..... No Brasil, **Direitos Iguais**  
**Rituais Iguais**
4. **Mort** (1987)..... No Brasil, **Aprendiz de Morte**
5. **Sourcery** (1988). ..... No Brasil, **O Oitavo Mago**
6. **Wyrd Sisters** (1988)..... No Brasil, **Estranhas Irmãs**
7. **Pyramids** (1989). ..... No Brasil, **Pirâmides**
8. **Guards! Guards!** (1989). ..... No Brasil, **Guardas! Guardas!**
9. **Eric** (1990)
10. **Moving Pictures** (1990)
11. **Reaper Man** (1991)
12. **Witches Abroad** (1991)
13. **Small Gods** (1992)
14. **Lords and Ladies** (1992)
15. **Men at Arms** (1993)
16. **Soul Music** (1994)
17. **Interesting Times** (1994)
18. **Maskerade** (1995)
19. **Feet of Clay** (1996)
20. **Hogfather** (1996)
21. **Jingo** (1997)
22. **The Last Continent** (1998)
23. **Carpe Jugulum** (1998)
24. **The Fifth Elephant** (1999)
25. **The Truth** (2000)
26. **Thief of Time** (2001)
27. **The Last Hero** (2001)
28. **The Amazing Maurice and his Educated Rodents** (2001). No Brasil, **O Fabuloso Mauricio e seus Roedores Letrados**
29. **Night Watch** (2002)
30. **The Wee Free Men** (2003)
31. **Monstrous Regiment** (2003)
32. **A Hat Full of Sky** (2004)
33. **Going Postal** (2004)

Martha Argel é doutora em Ecologia e escritora, com quatro livros de Literatura Fantástica publicados

[ <http://www.marthaargel.com.br> ]

[ <http://vampirapaulistana.blogspot.com> ]

[ <http://br.groups.yahoo.com/group/marthaargel> ]

(continuação da página 7)

O *Somnium* circulou sem uma capa desde seu número zero, de dezembro de 1985, até o número 11, de novembro de 1986.

Em dezembro de 1986, por ocasião de seu primeiro ano de vida, o *Somnium* número 12 saiu como Edição Especial de Aniversário. Trouxe, pela primeira vez, o que se pode chamar de 'folha de rosto': trazia o título e uma montagem com várias imagens do logotipo do clube, além da menção ao fato de se tratar de uma edição comemorativa.

Vale recordar que o logotipo do clube também foi escolhido através de concurso entre os sócios.

(continua na página 35)

## **A ILHA DOS CÃES**

Resenha por Roberto de Sousa Causo

*A Ilha dos Cães*, Rodrigo Schwarz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2005, 127 páginas

Um jogo ficcional de caixas chinesas, com Sir Richard Burton como protagonista e co-narrador

Novela do catarinense Rodrigo Schwartz, *A Ilha dos Cães* trilha um caminho provavelmente popularizado no Brasil por *O Nome da Rosa* e *O Pêndulo de Foucault*, de Umberto Eco: a projeção de enigmas para o passado, revestida dos interesses pós-modernistas pela narrativa e a nossa suposta incapacidade de concluir alguma coisa a partir dela.

Por outro lado, sua premissa remete o livro à história alternativa, um subgênero da ficção científica que imagina desvios nos caminhos da história como a conhecemos. *O Homem do Castelo Alto*, de Philip K. Dick, é um exemplo clássico. No Brasil, a história alternativa tem crescido nos últimos anos, incentivada pelo escritor carioca Gerson Lodi-Ribeiro — particularmente com a antologia *Phantastica Brasileira: 500 Anos de Histórias deste e doutros Brasis*, editada por ele e Carlos Orsi Martinho e publicada em 2000 pela Editora Ano-Luz, com interessantes textos de Ataíde Tartari, Carla C. Pereira e do jovem Roberval Barcellos.

Em *A Ilha dos Cães*, Richard F. Burton, o explorador inglês, deixando o Brasil em 1865 depois de uma temporada como cônsul em Santos, torna-se naufrago em uma ilha deserta, acompanhado apenas de Nikolai, um catarinense que se salvara com ele do naufrágio, mas que perdera a visão no acidente. Na vida real, Burton voltaria à Europa e ao Oriente, para morrer apenas em 1890.

Na ilha, Burton encontra uma cabana abandonada, repleta de papel e tinta, muitas folhas cobertas com escritos em alguma língua nórdica, que ele não consegue decifrar. A fortuna em papel é providencial (quicá *artificialmente* providencial): Burton pretendia, ainda no Brasil, escrever um texto de ficção narrando um episódio ambientado num continente americano livre da presença européia — graças à intervenção de monstros marinhos que mantiveram Colombo e outros exploradores afastados.

O protagonista da ficção de Burton — conhecido por suas traduções de *As Mil e uma Noites* e do *Kama Sutra* — é outro escritor, o escriba asteca Hokan, de passagem pela Ilha dos Cães para reportar o sacrifício de um grupo de prisioneiros. Ali ele se depara com um outro narrador: Odin, guerreiro maia que lhe conta a história Hansen, um aventureiro viking que acabou vivendo em sua aldeia, depois que o barco viking em que viajava teve um encontro desastrado com a um monstro marinho.

A estratégia do livro de Schwarz é apresentar-se como uma caixa chinesa em que os vários compartimentos contaminam-se uns aos outros, a começar do plano de realidade em que se encontra o próprio autor: Schwarz, nascido em Joinville em 1976, modela o pescador Nikolai como outro catarinense; o seu Richard Burton imagina um outro narrador que, como ele, não terá leitores, e encontrando na ilha os escritos nórdicos do seu predecessor, lança um viking ficcional às Américas pré-colombianas. Até mesmo o imperador Montezuma aparece como um frustrado ficcionista, inventor de mentiras de Estado. Até mesmo como história alternativa temos o mesmo diagrama de formas dentro de formas: a história alternativa do continente americano, dentro da história alternativa da vida de Sir Richard Burton.

Apesar da concisão do livro, a prosa de Schwarz é frequentemente tautológica e sua dicção pouco apropriada (exemplo: “em meio àquela manada de hematomas e amputações”), descuidada com rimas involuntárias e repetições. O maior problema, porém, é a falta de um desenvolvimento capaz de extrair o máximo da premissa instigante — que é forte o suficiente para nos levar até a última página de um livro que, como todos os outros que contêm, deixa a sensação de ser um rascunho inacabado.

Rodrigo Schwarz também escreveu a coletânea *Contos Desamordaçados* (1999).

## CONTOS

## O HOMEM DA CASA AMARELA

Fábio Fernandes

– Meu nome é Ismael – disse o rapaz. – Cora fala muito de você. Vamos entrando.

– Obrigado – respondeu Sant'Anna, limpando os sapatos do capacho. Chovia lá fora.

A casa ficava numa rua pouco movimentada de Ipanema, paralela à Visconde de Pirajá. Era amarelo-ovo. Sant'Anna lembrou da casa de sua infância em Vaz Lobo.

Mas as lembranças paravam por aí. Sua falecida mãezinha era pobre mas tinha bom gosto para decoração. Não era o caso ali.

Para começar, o tapete cinza felpudo e espesso. Sant'Anna detestava tapetes cinzas felpudos e espessos. Na verdade, a questão de ser ou não cinza era implicância, mas com o resto o negócio era sério. Alergia. Mas outra coisa que Sant'Anna detestava era dar bandeira de suas imperfeições. A maioria delas já era suficientemente clara e explícita; falar pra quê?

Os móveis eram quase todos brancos, menos a televisão e o aparelho de som Technics, montados sobre uma estante branca. Do lado, uma caixa cor-de-abóbora com um headphone Selenium. Sant'Anna lembrou que precisava comprar um também. Mas da marca Agena, porque Selenium era uma bela porcaria.

Na prateleira logo acima da tevê, livros. Jorge Amado: *Tieta do Agreste*, *Capitães da Areia*. Drummond: *Cadeira de Balanço*. Lourenço Diaféria: *Berra*, *Coração* e *Circo dos Cavalões*. Quatro volumes grandes e finos de capa branca com detalhes em dourado: coleção Grandes Personagens da Nossa História. E uns cinco ou seis livros de crônicas de Fernando Sabino.

Nas demais prateleiras, bibelôs. Bonequinhos de porcelana, um pajem e duas damas em trajes setecentistas franceses. Ao lado, dois cavalinhos azuis.

O sujeito, então, era um caso a parte. Vestia uma calça cinza muito larga, que só não caía por causa do cinto militar amarelo. Uma camisa branca cheia de bolsos improváveis e um blazer amarelo-claro com ombreiras. Usava um topete gigantesco, tão empastado de gel que parecia plastificado.

– Sabe que você é a cara de um ator americano? – Ismael comentou.

– Mesmo?

– Não estou lembrando do nome dele agora.

– Você também parece com um sujeito famoso – disse Sant'Anna.

O rosto do rapaz se iluminou.

– Quem?

– Elvis.

Ao contrário do que Sant'Anna previra, o rapaz não só não havia entendido a ironia como gostara do elogio.

Só havia uma coisa que ele detestava mais que mulher de amigo: marido de aluna.

Era uma pena, pensou ao tirar o maço de DuMaurier do bolso da camisa.

– Desculpe – Ismael disse sério. – Aqui em casa não se fuma.

Sant'Anna guardou o maço já pensando em que desculpa iria dar para sair cedo daquele jantar.

\*

A garota não era tão bonita. Seria linda se não fosse tão gorda. Mas era esforçada. Gostava de ler e sempre pedia dicas de leitura a Sant'Anna. Participara da primeira oficina que ele dera, dois anos antes, logo depois que ganhara o Jabuti.

Escrevia crônicas. Era fã de Lourenço Diaféria e Rubem Braga. Sant'Anna detestava o primeiro e achava que o segundo já fora bem melhor. O que estragava o Rubem eram aquelas crônicas de sábado no Jornal Hoje.

Passara a oficina toda, os dois meses, as oito aulas, escrevendo uma crônica atrás da outra. Ele sugerira que ela variasse um pouco, se arriscasse em um conto. Ela não gostava. Achava que as crônicas eram mais poéticas.

E vivia convidando o professor para jantar. No começo ele achou que era cantada, e Sant'Anna podia ter uma série de defeitos, mas tinha lá a sua ética profissional: não saía com alunas. Mas depois que ela explicou que queria apresentar o marido, que também era escritor (e publicado, ressaltou), acabou

topando. Estava separado há seis meses, e não gostava de admitir, mas em certas noites ficar sozinho era terrível.

\*

Era melhor ter ficado sozinho.

Pelo menos a cerveja era Antartica. Sant'Anna não suportava Brahma.

– Cora me falou que a oficina foi muito interessante – disse Ismael, pegando uma azeitona. – Você fala muito de autores contemporâneos, não é?

– Não só.

– Mas você fala de literatura contemporânea norte-americana.

– Falo. Hemingway principalmente. Mas também falo de literatura brasileira.

– Quais os seus autores prediletos?

– Hemingway, Graciliano, Rubem Fonseca.

– James Woods.

– Como?

– Você é a cara do James Woods. O ator americano. Fez uma série que passou na TV há alguns anos, Holocausto. Uma série de judeus.

– Ah, certo – Sant'Anna não fazia idéia de que série era essa. – E os seus autores prediletos? – Já que a conversa estava indo por esse caminho, Sant'Anna achou melhor não contrariar. Assim acabava mais rápido. E ele estava louco para fumar.

– O meu autor favorito é Philip K. Dick.

– Quem?

O rapaz fez cara de decepção. Puta que pariu, mais um, Sant'Anna pensou.

Esse era o lado ruim de conversar com aspirantes a escritor. Em sua opinião, eles só queriam duas coisas: que você tem que elogiar cada coisa que eles cometem (nunca um verbo se encaixou tão bem a uma situação, pensou Sant'Anna, porque eles cometem verdadeiros assassinatos literários). E outra: você tem a obrigação de conhecer cada escritorzinho obscuro que eles citam.

– Philip K. Dick. O autor de Blade Runner, o Caçador de Andróides.

– Ah, o roteirista?

– Não – Ismael disse com veemência. – Escritor. Ele escreveu o livro que serviu de base para o filme de Ridley Scott.

– Não lembro desse filme.

– Passou no Brasil há uns quatro anos. Não fez sucesso na época, mas acabou de sair em vídeo. Comprei um Betamax no mês passado, só para ver esse filme de novo. Até comprei a fita: saiu caro, mas valeu a pena. Você quer ver depois do jantar?

Sant'Anna deu uma desculpa esfarrapada e declinou. Estava ficando sem nicotina por mais tempo que o necessário e isso estava aumentando seu nível de irritação.

– Tudo bem – o rapaz não se irritou. – Mas eu faço questão de te mostrar uma coisa depois.

Desde que não seja a bunda, Sant'Anna pensou virando o terceiro copo de cerveja. Cora apareceu na sala: o jantar estava servido.

\*

Pensando bem, valeu a pena ter ficado. O rondelli de ricota e nozes ao molho funghi estava uma delícia. E até que o vinho não estava mal.

De volta à sala, o habitual cafezinho. Sant'Anna pensou em recusar; estava difícil segurar a vontade de fumar, e a cafeína só lhe daria mais vontade. O olhar derivou até um galinho de Barcelos meio oculto em uma prateleira da estante de madeira branca. Minúsculo, rosa e branco, o rosa mais para cinza-claro de tanta sujeira e desgaste do tecido: foi-se o tempo em que aquele galo mudava a cor com as variações de temperatura. Sant'Anna pensou que seria muito bom se todos pudessem ser assim: fotocromáticos. Se as pessoas mudassem de cor de acordo com a emoção que sentissem (mudassem mesmo, descaradamente, não um mero rubor das faces, mas algo do tipo, vermelho para fúria, amarelo para tristeza, azul para calma, branco para paz, não, paz é muito lugar-comum, quem sabe o branco não significasse neutralidade?), as coisas poderiam até não ser melhores, mas pelo menos os chatos pensariam duas vezes antes de irritar alguém sacudindo um livro na sua cara e pedindo para dar uma olhadinha.

– Dá uma olhadinha – disse o rapaz, quase enfiando o livro na cara de Sant'Anna.

Não teve alternativa: pegou o livro de capa amarelo-clarinho (por que é que esse sujeito gosta tanto de amarelo??) e leu o título, em letras góticas vermelhas: NOSSA LUTA.

rou o livro e leu a contracapa: este jovem autor, blablablablabla, nos brinda em sua estréia na literatura com uma ficção científica corajosa e destemida, que rompe barreiras e ousa quebrar o silêncio covarde da sociedade com uma simples questão: por quê?

A assinatura do comentário era de um fulano, presidente da academia de letras de uma cidade. Sant'Anna nunca tinha ouvido falar. Nem de um nem da outra.

– Esse livro é uma homenagem a um clássico do Dick – Ismael explicou sem que nada lhe fosse perguntado. O Homem do Castelo Alto.

– É um livro muito bom – foi a intervenção de Cora enquanto recolhia a xícara que Sant'Anna, sem se dar conta, bebera de um gole só. – Quer mais café?

– Quero sim, obrigado. – Abriu o livro na orelha da frente.

Enquanto a voz de Ismael fornecia um ruído de fundo que não chegava a ser desagradável, Sant'Anna se concentrou no conteúdo da orelha.

E se Alemanha, Itália e Japão tivessem ganho a Segunda Guerra Mundial?

Será que a vida teria sido tão terrível assim para a Humanidade?

Ismael Medeiros acha que não; para ele, parafraseando Mark Twain, os boatos a respeito do que aconteceu foram um tanto exagerados. Uma possível vitória do Eixo poderia ter tido conseqüências imprevistas... para melhor.

Acompanhem a jornada de Rudiger, um soldado da Neue Wehrmacht em luta contra seus sentimentos por Helga, uma jovem de ascendência judia, e o dever de desmascarar a terrível conspiração de um misterioso grupo terrorista responsável pelo massacre da delegação alemã nas Olimpíadas de Munique em 1972, conhecido apenas pelo nome de Sábios de Sião.

Caralho, pensou Sant'Anna. Certos livros deviam ser como Van Gogh: sem orelha. Não quero nem ler o resto dessa merda.

– E aí? O que achou?

O cara ainda por cima era tão chato que perguntava o que ele havia achado da sinopse da orelha que outra pessoa havia escrito. Mas Sant'Anna estava errado.

– Fui eu mesmo quem escreveu a orelha – disse Ismael, com um sorriso que para Sant'Anna só podia significar falsa modéstia.

– Mesmo? – o que Sant'Anna queria dizer na verdade era: também, meu filho, com um tema desses, quem se atreveria a escrever a orelha do seu livro?

Sant'Anna era daqueles que achavam que não se deve criticar autores que não tenham dado a cara a tapa. Você só deve criticar quem pediu para ser criticado. Não por qualquer pudor ou questão moral, mas simplesmente para não se perder tempo. Para Sant'Anna, quem não pediu crítica não está disposto a aceitá-la. Para quem perder tempo dando conselhos e sugestões para quem não vai fazer absolutamente nada com elas?

Mas Ismael havia perguntado. E quem pergunta quer resposta.

– Você escreveu isso há quanto tempo? – ele perguntou.

– No ano passado – foi a resposta.

– E o que você acha da sua história hoje?

– Como assim?

– Ela ainda se sustenta?

Ismael deu de ombros. Cora voltou com uma xícara fumegante. Sant'Anna agradeceu, mas desta vez foi devagar. Percebeu que a língua havia ficado meio sapecada por causa do café anterior. Tomou um gole pequeno.

– Você não gostou?

– Não posso dizer, não li.

– Então leve um exemplar. Eu tenho um bocado aqui. Eu autografo.

– Não precisa.

O rapaz olhou visivelmente ofendido para Sant'Anna.

– Por que não precisa?

Porra, fiz merda outra vez, ele pensou.

– Faça questão. Ou meu livro não é bom o bastante para ser criticado por você?

– Não foi o que eu disse.

– Então o que você disse?

Sant'Anna respirou fundo e tomou outro gole. Então teve uma idéia.

Tirou novamente do bolso da camisa o maço de cigarros.

– Desculpe – Ismael disse com cara de poucos amigos. – Eu já tinha explicado a você...

– Ismael, vamos fazer um trato. Você me deixa fumar um cigarro – um cigarrinho só, oquei? – e eu pego o teu livro pra criticar. Aliás, quando eu disse que não precisava, era pelo simples fato de que eu já posso te dizer aqui e agora tudo o que você precisa saber a respeito do teu livro. Combinado?

– Combinado – o rapaz respondeu, agora animado.

Com precisão lenta e medida, gestos curtos e secos dignos de um João Cabral, Sant'Anna puxou um cigarro preto do maço, enfiou-o de volta ao bolso da camisa com uma das mãos e sacou o isqueiro bic chama do mesmo bolso com a outra. Acendeu o cigarro, deu uma tragada funda, soprou a fumaça com um enorme prazer, um prazer só comparável ao que iria dizer em seguida. E disse:

– Uma merda.

– Como é?

– Esse livro é uma merda.

Sant'Anna percebeu que o rapaz seria perfeito para aquele estudo em cromatologia da alma: Ismael não ficou vermelho com o comentário. Ficou roxo. Púrpura. O rosto inteiro parecia um olho que acabou de levar um soco.

– Mas você não leu, como é que pode dizer uma coisa dessas? – o rapaz balbuciou. Ao seu lado, Cora, que havia acabado de sentar, tentava dizer alguma coisa. Estava mais branca do que de costume.

– Nem preciso. Para começar, a orelha, que você mesmo me disse que escreveu, está muito ruim. Muito grandiloquente, adjetivada demais. As frases, imensas. E esse negócio de escrever história com personagens estrangeiros...

– Mas o que é que tem isso?

– Nada, desde que você saiba escrever. Esse tema não funciona.

– Como assim não funciona? O próprio Dick usou esse tema! – Ismael quase gritava agora. Cora tentava acalmá-lo acariciando suas costas.

– Sim, mas o "Dick" era inglês.

– Americano!! AMERICANO!! – Ismael gritou.

Sant'Anna deu mais uma tragada. Agora sim o negócio estava ficando bom.

– Que seja – ele disse. – o importante é: uma história desse tipo, além de incongruente, é meio esquisita, não é?

– Por que esquisita? Isso é ficção científica! Você não entende as regras da ficção científica!

– Realmente não entendo nada – ele disse. – Mas entendo de racismo.

Ismael olhou para ele desconfiado. Idiota, pensou Sant'Anna. Ele está tentando ver se eu tenho um pé na cozinha.

– Mas eu não sou racista. Isso é ficção científica. Eu falo de uma terra alternativa.

– Onde os alemães ganharam a guerra e os judeus são terroristas.

– Mas não são? E o conflito com os palestinos?

– Eu não estou discutindo os israelenses. Você está confundindo sionismo com semitismo.

– Eu não sou anti-semita. Mas, veja bem, essa história de que morreram seis milhões de judeus no que eles chamam de holocausto... Eles choram demais.

– Você tem pai?

– Tenho.

– Se ele morresse, você choraria?

– Eu não. Meu pai é um safado.

– Mas o meu não é.

– Peralá. Não falei do seu pai.

– Meu avô também não é safado.

– Também não falei do seu avô.

– Diretamente não.

Só então Ismael viu onde Sant'Anna queria chegar. Já era tempo, pensou o escritor.

– Você é judeu?

– Não – Sant'Anna respondeu. – Mas meu avô era.

– Era?

– Morreu em Birkenau. Meu pai escapou, veio para cá, se casou com uma brasileira e eu nasci.

Aproveitou o silêncio para dar mais uma tragada. Mas que cigarro bom.

\*

Despediu-se logo em seguida. Tinha chegado a pensar em pedir para ver a estante deles, mas desconfiava que o que havia visto na sala era tudo o que aquele casal tinha em matéria de literatura. Não dava nem para o cheiro. Precisava evitar essas furadas.

Acendeu o segundo cigarro na butuca do primeiro. Enveredou pela Nascimento Silva e seguiu na direção do Garota de Ipanema. Estava precisando de um chope.

Só não fez comentários sobre a baleia branca por causa de Cora. Ela não merecia.

Pensando melhor, merecia sim. Escrevia umas crônicas muito ruins.

## CASO ARQUIVADO

Natalia Yudenitsch

Simulações são umas coisinhas bastante enganosas. A princípio parece que elas são as soluções perfeitas para problemas complicados. Um tipo de magia moderna, o supercérebro eletrônico com o qual sonhamos há tanto tempo: basta jogar todos os dados sobre uma questão e ele PIMBA, resolve sozinho.

Hah! Doce ilusão. Aí você descobre que elas conseguem ser mais surpreendentes que nossos políticos. Descubrem um aspecto latente qualquer num sujeito e logo você assiste boquiaberto aquela linda adolescente traficando desbloqueadores ou aquele simpático vovô assassinando a esposa.

Aí sobra para nós, Investigadores Classe 1, provar que a danada da simulação está certa. Ou não.

Veja o meu caso, por exemplo. Quando entrei para a Polícia Unificada, tinha certeza de que aqui meu talento brilharia. Desde os tempos de escola que todos os testes vocacionais apontavam para uma capacidade acima da média para conectar, analisar e interpretar dados, em especial os abstratos — como por exemplo a salada de pistas deixadas por pessoas que cometem crimes.

— Zeno, o tempo passa mas as pessoas continuam as mesmas, encontre o padrão e os filhos da mãe vão comer na sua mão — meu chefe sempre me diz.

No começo eu não gostava que me chamassem pelo meu sobrenome, mas aqui na P.U. isso é regra e hoje quase esqueço de atender quando alguém me chama só de Arthur.

Quando aquele caso do assassino de garotinhos caiu nas minhas mãos, entendi o que o delegado De Millo queria dizer. Foi uma história danada de complicada. O cara simplesmente não deixava rastros.

Claro que hoje temos todas essas técnicas avançadíssimas de análise de DNA e de localização de materiais como fios de cabelo, partículas de suor, saliva ou quaisquer outras pistas residuais que nossos suspeitos tenham deixado.

Só que uma pessoa mais bem informada também sabe que há dezenas de produtos que podem dar um jeito nisso. Aquele spray, por exemplo: deixa todo o seu corpo envolto em uma espécie de película protetora de onde nada sai. É só aplicar e pronto: por umas três horas nenhum pêlo ou fluido escapará do seu corpo, deixando toda a Corporação às voltas com uma cena de crime mais estéril que um deserto.

Só que nada disso funciona com a assinatura pessoal do sujeito. O jeito com que ele faz as coisas, a ordem com que executa todos os passos que culminam no crime. Foi o caso desse sujeito matador de meninos.

Ele nunca nos deixou sequer uma partícula de pele solta. Ele ficava tão feliz com a nossa incapacidade de prever onde seria o próximo crime que criou um ritual: tomava uma champagne para comemorar depois que terminava o trabalho.

O ponto é que fui eu quem descobriu isso, eu que tive a idéia de pesquisar as conveniências e supermercados próximos ao crime em busca de um padrão. Ninguém acreditou muito que isso fosse possível, mas foi assim que pegamos o desgraçado.

Minha moral subiu tremendamente depois disso e finalmente consegui uma promoção. Só que não era bem o que eu esperava.

Eu queria um cargo de chefia em uma das frentes que caçam criminosos de alta periculosidade com desvios de personalidade graves. E o que eu ganhei? A coordenação do Departamento de Casos Arquivados.

O que equivale a dizer que fui transferido para um subterrâneo ou para a Antártida. Sim, porque os Casos Arquivados são considerados um assunto sigiloso na P.U. Eu tive que assinar um calhamaço de documentos dizendo que eu me comprometia a nunca revelar os procedimentos usados ali etc etc etc.

Ou seja: nada de entrevistas para a mídia, nada de destaque nacional, zero glamour. Eu podia estar fazendo coisas sensacionais ali que ninguém jamais ficaria sabendo.

Fiquei tão injuriado que pensei seriamente em desistir de tudo. Mudar de profissão, abrir um bar talvez. Até que eu comecei a aprender mais sobre as técnicas de investigação da área de C.A.

— Zeno, você já trabalhou com simulações antes? — me perguntou Barone, do alto de seus 1.98m.

Barone era a sumidade técnica que cuidava de toda a infraestrutura da seção. Um tipo de semideus sombrio, com umas olheiras imensas e enormes mãos nodosas e estranhamente ágeis.

Tive que admitir minha ignorância na área, o que provocou um grunhido de desdém de meu interlocutor.

— Bom, nesse caso é bom ir aprendendo logo. Tudo o que você precisa saber a respeito está no sistema. Eu recomendo que você utilize o Dunga para entender tudo.

Dunga era o apelido do Agente Auxiliar de Procedimentos, uma espécie de inteligência artificial que vinha instalado no sistema da P.U. e ficava pentelhando você o tempo todo, dando explicações adicionais sobre o tema apresentado, respondendo perguntas, fazendo buscas e trazendo material correlato se fosse o caso.

Para piorar, algum designer engraçadinho havia convencido a alta cúpula da Corporação de que seria uma boa idéia humanizar aquele amontoado de códigos e o resultado era uma carinha orelhuda de expressão feliz que parecia de forma inequívoca com o mais tolo dos sete anões.

Eu sempre desabilitava o infeliz, mas em alguns poucos casos essa opção ficava indisponível, como nos tutoriais dos Casos Arquivados.

Seguindo o conselho do meu novo companheiro de trabalho, mergulhei no material sobre simulações com Dunga, que não se importava de ser assim chamado e atendia imediatamente a meus comandos vocais explicando os termos mais cabeludos e me lembrando que era hora de me desconectar ou fazer outra tarefa.

O que eu aprendi com aquele arremedo de personagem de conto de fadas me fez perder a vontade de continuar insistindo em uma transferência imediata. Tanto que, no dia seguinte, fui falar com o senhor não-me-encha-o-saco-que-estou-ocupado.

— Barone, li tudo mas não tenho certeza de que entendi direito.

Barone me olhou e levantou a sobrancelha direita com uma expressão de desgosto.

— A gente *realmente* coloca a simulação para rodar livremente nos casos arquivados? — perguntei.

Apesar da cara dele, não era uma pergunta tola. As simulações eram sujeitas a uma série de restrições por lei, já que seu uso indiscriminado na última década havia causado um bocado de estragos no mundo.

Muita gente tinha começado a usar as Reality Simulations para testar pessoas, criando uma nova forma de discriminação. Escolas usavam o software para eliminar alunos que as simulações mostravam serem prováveis fracassos ou possuírem tendências criminosas. Cônjuges raivosos ganhavam a guarda dos filhos mediante apresentação de provas conseguidas via simulação, empresas demitiam ou não contratavam funcionários que apareciam desrespeitando as regras corporativas no ambiente simulado e aí por diante.

O problema é que era muito difícil provar que o que a simulação mostrava *era* verdade, mas por via das dúvidas ninguém se arriscava. O resultado é que depois de algum tempo os processos contra a Reality Soft começaram a pipocar e quando o programa começou a causar baixas na esfera política, seu uso começou a ser restringido.

Muitas leis e emendas depois, aquela pérola de tecnologia ficou restrita à área recreativa, sempre com cenários pré-fabricados e sua utilização como prova em tribunais foi proibida. Mas parece que isso não valia nos Casos Arquivados...

— Bom, que parte você não entendeu? — perguntou Barone, mal-humorado.

— Pelo que eu vi, nós jogamos o caso arquivado na simulação, uma simulação livre, sem restrições, é isso mesmo? — falei testando.

— É. Aqui o governo não põe a mão. Nós recriamos a cena do crime com todos os dados recolhidos durante a investigação. Imagens, relatórios, perfis psicológicos de todos os envolvidos e seus códigos pessoais no Banco de Dados Geral, vai tudo para o velho Simão, para que ele possa ter acesso a movimentações bancárias, telefonemas, hábitos de consumo e possíveis infrações passadas.

"Velho Simão" é como esse ser bizarro apelidara o simulador que custava mais que a dívida externa de certos países.

— Wow! Mas acessar esses dados não é algo... bem, pra lá de proibido? — perguntei espantado. — Qualquer investigador da Polícia Unificada que tentasse acessar esses dados podia ter a certeza de ter sua cabeça servida no dia seguinte.

Bobagem. Nós temos uma *autorização carta branca* para os Casos Arquivados, disse ele com um certo orgulho incontido.

A brincadeira estava ficando interessante.

— Tá. O que eu não entendi bem é o que acontece quando a simulação chega em uma resposta *razoável*. Quando aponta uma provável solução para o caso arquivado em questão, falei me animando.

— Bem, aí é que a brincadeira começa — disse Barone em tom professoral.

— Quando o Simão aqui mostra como o crime poderia ter acontecido, os suspeitos são chamados e conectados à rede e o caso é reaberto.

— Certo, mas como fazemos para que os conectados revivam o crime sem bloquear suas intenções e ações reais? Eu estava curioso.

— Usamos desbloqueadores. Os melhores — disse Barone simplesmente.

Isso sim era novidade! Simulações e desbloqueadores! Quer dizer que a polícia tinha autorização para usar uma das drogas mais cobiçadas do mercado, os desbloqueadores, que eliminavam todas as barreiras da psique que costumam filtrar e censurar os desejos e atos menos louváveis do ser humano. Hmm, interessante.

A partir daí começou meu treinamento no velho Simão. Tive que aprender como recriar a cena do crime, como manipular a simulação, parando quando sentia que algo estava faltando, corrigir o erro, construir as personas e dar entrada em determinados padrões, se eu notasse que havia ou poderia haver algum.

Treinei com alguns ex-casos arquivados que já haviam sido solucionados até que eu aprendesse como e porque o velho Simão havia chegado nesses resultados. Quando finalmente estava operando com segurança, comecei a navegar pelos casos reais.

Foi aí que esbarrei em Cíntia. Ou melhor, na morte de Cíntia. Ela havia sido assassinada há cinco anos. Estudante de Artes, 19 anos, sem ficha criminal, cabelos castanhos anelados e incríveis olhos azuis.

Fora interceptada na rua, entrara em um veículo provavelmente coagida, segundo testemunhas, e encontrada morta com uma pancada na cabeça no dia seguinte, jogada em um riacho próximo ao campus onde morava.

Nada fora roubado de seu dormitório, sua conta bancária permanecera sem movimentação, ninguém parecia ter se beneficiado de sua morte. Seu corpo não apresentava marcas além ferida na cabeça. Ela não era rica, apesar de seu pai ser um executivo com uma quantidade de dinheiro bastante razoável na conta.

O problema é que sua morte não alterava nada. Ela era filha única e o dinheiro já era de seu pai. Se este temesse que a filha pudesse estar interessada em roubá-lo, por exemplo, seria simples impedi-la de ter acesso ao mesmo, não havia porque matá-la.

Um dos suspeitos era um namorado, também estudante de artes, um garoto normal, bem de vida, que não parecia ter motivos para matá-la — nem oportunidade, já que estava comprovadamente fora da cidade na época do crime.

Sobravam a melhor amiga e um ex-caso. Só que a amiga era riquíssima, bem casada e também não podia ser ligada ao crime: estava com os pais, marido e amigos durante todo o tempo. Já o ex estava namorando novamente e não havia o menor indício de que tivesse ficado muito ressentido pelo fim do relacionamento.

Ninguém lucrava com sua morte, ela não tinha uma vida dupla nem inimigos, enfim, nada. E aqueles olhos azuis não me saíam da cabeça.

Assim, mergulhei no Caso Arquivado nº 282653-F — Cíntia Nashkel. Me fechei na salinha fria de aço escovado com o velho Simão e meu singelo ajudante Dunga e comecei a recriar a cena do crime.

Aos poucos, Cíntia voltava à vida nas entranhas do velho Simão. Ela me olhava com aqueles olhos enormes, vestida com um par de calças azuis justíssimas de um material sintético que mudava de cor de acordo com a luz. Nos pés, um calçado de solado arredondado muito me voga na época. Uma camiseta branca felpuda com decote em V, que ficou manchada de sangue após o golpe que a matou, completavam o quadro.

Ela era linda, com seus anéis multicoloridos e cara de menina. Por que alguém a havia matado? Eu estava determinado a descobrir e coroar meu início na seção de C.A. com um retumbante sucesso.

Aos poucos seu dormitório no campus, com o edredom volumoso e pilhas de desenhos e telas espalhados começaram a ficar mais reais do que meu próprio quarto, sério e espartano como eu acreditava que o aposento de um investigador Classe 1 devia ser.

— Escuta, Zeno, pega leve aí. É o seu primeiro caso arquivado, você tem que ir mais devagar. Já já você está acreditando que essa garota é real — me avisou Barone, preocupado depois de notar a quantidade de horas extra que eu estava fazendo.

Obviamente, evitei comentar que havia sonhado com Cíntia mais de uma vez, o tipo de sonho inapropriado para um relatório. Comecei a perscrutar ciumentamente o tal namorado, Carlo, sem nunca admitir que o invejava. Ele havia conhecido Cíntia, passado noites que eu tinha certeza terem sido ardentes naquela cama branca e moderna.

Senti uma certa irritação com Anna, a melhor amiga, por não ter reforçado o convite para a festa onde passou as horas fatais em que minha Cíntia fora assassinada. Será que o marido de Anna teria um desejo secreto por minha beldade?

Mas não, Píer mal a conhecia, só a vira três ou quatro vezes e nunca a sós. Ele era um sujeito tranqüilo, simpático, que quase havia se tornado psiquiatra forense até que fora chamado para a Reality Soft onde participava da entrada da empresa no setor de jogos, ajudando a criar novos personagens com os quais adolescentes e adultos de todo o mundo se divertem inofensivamente até hoje.

Eu manipulava os dados quase sem senti-los, dando ordens ao Dunga, testando hipóteses. E se a amiga na verdade a invejava mortalmente? E se o namorado no fundo fosse um psicopata latente? E se ela tivesse descoberto algo tão terrível sobre o pai que este tivesse decidido fazê-la calar-se para sempre?

Comecei a forçar o velho Simão mesmo quando ele dizia, através de Dunga, que a hipótese não deveria ser simulada, pois não tinha as probabilidades mínimas para iniciar o processo.

As semanas começaram a passar rápido demais. Eu estava obcecado. Sentia-me um vingador, um herói vindo do futuro que deixaria a alma de Cíntia Nashkel finalmente descansar em paz.

Barone estava preocupado, havia ameaçado levar minha fixação aos superiores se eu não diminuísse o ritmo, mas eu conseguira convencê-lo de que era *este* perfil que me fizera ser promovido. Quando eu pegava um caso, passava a viver nele. Era isso que me fazia bom nisso.

— Hipótese invalidada — dizia Dunga a cada vez que a simulação descartava um caminho.

Até que um dia achei *algo*. Era só um pequeno indício, uma fraca possibilidade, mas *era* uma possibilidade pelo menos. O ex-namorado, Diogo Martins.

— Ele disse que estava com a namorada e era verdade, mas parece que não a noite inteira. Teria dado tempo. O que você acha? — perguntei a Barone, já irremediavelmente envolvido em minha labuta diária.

— Pode ser, mas é muito vago. Precisamos de um motivo — disse Barone pensativo.

— Os registros telefônicos de Diogo mostram que ele ligou várias vezes para Cíntia durante dois meses após o rompimento. Talvez a nova namorada fosse só uma camuflagem, continuei empolgadíssimo com a nova possibilidade.

Tinha que ser isso. Diogo não me escaparia.

— Cíntia não, Zeno, "a vítima". Você sabe que não é bom começar a tratar as vítimas pelo primeiro nome, atalhou Barone me olhando de um jeito esquisito.

Ignorei. Isso de "a vítima" é coisa para relatórios, burocracias. Uma investigação é sempre pessoal. Tem que ser, para dar certo.

Eu estava feliz. O velho Simão aceitou a hipótese de Diogo. Quando a simulação finalmente rodou, fiquei maravilhado. Vi Diogo se despedindo da namorada e saindo a tempo de encontrar Cíntia desprevenida na rua. Repeti várias vezes as possíveis formas e locais para o assassinato. Ainda havia alguns detalhes, mas ele fora fisgado.

— Já temos o suficiente para reabrir o caso!, exclamei exultante.

\*

Os próximos passos demoraram muito mais do que eu gostaria. A papelada necessária para reabrir o caso, convocar todos os envolvidos na época e convencer os juízes parecia não ter fim.

Mas eu sabia ter paciência. E o velho Simão não iria a lugar algum.

Muitas audiências depois, os suspeitos foram finalmente convocados a comparecer à central do Departamento de Casos Arquivados da Polícia Unificada. Não foi fácil, pois Anna, a melhor amiga, estava vivendo em outro país e Diogo parecia ter sumido do mapa — na verdade só havia se mudado um número inacreditável de vezes, dificultando sua localização.

Quando nos reunimos na sala mal iluminada da Central de Simulação de Crimes do C.A., o clima era o menos amistoso possível. Anna estava enfurecida por ter sido basicamente ameaçada de prisão por se recusar a vir.

O pai de Cíntia, estava calado, olhando para todos com ar acusatório de quem queria ter sido deixado em paz. Carlo estava apenas mudo e furioso. Diogo estava taciturno, reclamando de invasão de privacidade e questionando o direito da polícia de usar simulações.

A máquina da corporação, contudo, não era fácil de ser parada depois de ser posta em atividade. Eu mesmo não sei como foi conseguida essa autorização para o velho Simão e para os desbloqueadores, mas seja como for, esse alvará não seria perdido pelas reclamações de alguns suspeitos de homicídio.

Em meio a resmungos e protestos, começou a fase mais traumática de todas para os envolvidos: os desbloqueadores. Os nossos eram ministrados do jeito antigo — o pior, por via injetável. Eu também tive de tomar a bomba, já que, como coordenador da simulação, não podia deixar que meus bloqueios pessoais intervissem no processo.

Quando a química atingia o cérebro, era uma excitação *louca*. Milhares de pensamentos reprimidos e contidos cuidadosamente por nosso subconsciente explodiam em um milhão de fragmentos simultâneos.

Era assustador ver nossos mais vergonhosos desejos expostos dessa forma à mente consciente. Mas era *bom* também. Era muito claro porque os desbloqueadores viciam. Sob seu efeito, uma pessoa é capaz de qualquer coisa, se não fosse monitorada. E sem culpa, pois a voz da consciência era silenciada pela droga.

Tive um flash súbito de um sonho desses últimos meses: eu percorria os diretórios do banco de dados freneticamente até que ia parar num diretório vazio e não conseguia mais sair de lá. Era desesperador.

Aos poucos, contudo, nossos cérebros foram se acostumando e o fluxo de imagens foi perdendo velocidade, até voltarmos a um estado de consciência mais ou menos normal.

A próxima fase era mais simples: nossos conectores já estavam espetados, ligando nossos cérebros ao velho Simão. Devo confessar que mesmo já acostumado ao procedimento, a idéia de ficar a mercê do simulador era desconfortável.

Mas se esse era o preço para vingar a dona daqueles olhos azuis, estava valendo.

Esta parte do processo era rápida. Os suspeitos entravam no sistema dentro de personas virtuais idênticas ao que eram na época do crime. Quaisquer imperfeições nos modelos eram corrigidas em tempo real pelo velho Simão, que comparava as informações com as enviadas pela massa cinzenta trazida à simulação.

Agora começava o teste final. Lentamente, a princípio, o velho Simão nos fez voltar àquela noite. Vi, como observador invisível que era, minha linda garota ressurgir em toda a sua glória. Tão jovem, tão... *viva*.

Eu podia tocá-la se quisesse, andando despreocupada sem saber que era seu último dia de vida. Tive vontade de abraçá-la e tirá-la de lá à força, desviar seu curso da violência inevitável. Mas eu sabia que o velho Simão jamais permitira isso.

Observei impassível Diogo dando adeus à sua namorada e pegando o carro.

"É agora", pensei. "É agora que ele vai se entregar."

De repente, a realidade sofreu um forte espasmo. As personas virtuais se contorceram e tremularam. Uma dor indescritível percorreu todo meu corpo — ou talvez fosse só meu cérebro, sei lá.

— *Hipótese invalidada* — disse a voz de Dunga em meus ouvidos.

— *Iniciando nova hipótese* — continuou ele, impassível e sorridente como sempre.

— Como assim? — gritei para ele.

— Que nova hipótese?

Eu tentava acessar os controles, mas a dor ainda era forte demais.

— Dunga, que diabos está acontecendo?

— *Hipótese suspeito A invalidada*, repetiu o agente. Suspeito A era Diogo.

Eu estava pasmo. Confuso, dolorido e completamente perdido. O velho Simão havia recusado Diogo como o assassino de Cíntia, antes mesmo de ter rodado a simulação? Como? Por quê? Isso estava completamente fora dos procedimentos do simulador.

Ele deveria testar a hipótese pré-aprovada por inteiro antes de recusá-la. A não ser quê...

— Dunga! Porque estamos na simulação ainda? — perguntei, alvoroçado.

— *Nova hipótese encontrada. Rodando nova simulação*, falou aquela entidade de orelhas redondas e protuberantes.

Era isso! O simulador encontrara entre os cérebros desbloqueados, o verdadeiro assassino. E não era Diogo!

Rapidamente, a simulação mostrava um novo ângulo. Outra pessoa entrava no carro e corria até o local onde minha Cíntia seguia seu caminho de sempre. Eu não podia acreditar em meus olhos: a pessoa no carro era Anna.

\*

— Mas *como?* Dunga, escute, mas o álibi dela não estava *comprovado?* De onde o velho Simão está tirando isso? — perguntei, boquiaberto.

— *Nova hipótese retirada de Suspeito B* — respondeu ele.

Suspeito B era ela mesma, Anna. Os desbloqueadores haviam liberado a memória de anos de proteção. Mas não era possível! Eu havia checado todas as possibilidades e simplesmente não havia como ela pudesse ter saído da casa de seus pais, matado Cíntia e voltado sem que alguém houvesse percebido.

Eu olhava as cenas acontecendo sem entender. E então, quando Anna debruçou-se sobre a pobre Cíntia para o golpe derradeiro, a simulação sofreu outro espasmo, seguido de nova onda de dor terrível.

Gritei, acho que na vida real também.

— *Hipótese invalidada* — ouvi, entre ondas de dor.

— *Iniciando nova hipótese* — falou Dunga alegremente.

Eu ainda tremia quando Anna apareceu novamente entrando em seu carro.

— Não, *nã!* — gritei.

— Dunga, pare com isso! Desconectar, *DESCONECTAR!* — gritei, pois sabia o que iria acontecer.

A cena desenrolou-se até a hora do golpe e um novo choque de dor contorceu a todos.

O impossível acontecera. O velho Simão entrara em *looping*. Pior: travara a simulação. Estávamos presos. Ninguém nos desconectaria até que o velho Simão deixasse, todos sabiam a duras lições do passado que arrancar alguém de uma simulação como essa sem os devidos procedimentos era garantia de transformar a pessoa em não mais que um vegetal, mantendo-se de uma forma nada parecida com a vida.

Comecei a pensar alucinadamente. Eu tinha que descobrir o que acontecera para poder corrigir o problema. Ouvia todos os outros gritando de dor a cada interrupção da hipótese.

Usei meu último trunfo, o único comando que ainda parecia funcionar: a interrupção de emergência. Quando terminei os procedimentos, uma nova onda de dor atingiu a todos.

— *Iniciando nova hipótese* — ouvi, à beira das lágrimas.

Só que dessa vez não era Anna a assassina. Era o pai de Cíntia. Aguardei esperançoso até a hora do golpe.

— Tem que ser isso — murmurei baixinho.

Mas não era. Vi minha amada ser atingida duramente na cabeça, o sangue jorrando, a vida se esvaindo de seus olhos azuis. Senti as lágrimas aflorando a meus olhos, enquanto ouvia.

— *Hipótese invalidada*

A simulação se torceu toda novamente. Mais dor.

— *Iniciando nova hipótese*

As hipóteses continuaram, cada uma terminando da mesma forma dolorosa que as outras. Em algum momento, minha mente entorpecida lembrou-se do sonho que me assaltara ao tomar o desbloqueador.

Por que eu me lembraria de um *sonho*? Não havia nada nele que minha mente tivesse bloqueado. A não ser que *não fosse* um sonho. A não ser que fosse uma *informação* reprimida. A não ser que eu soubesse que era exatamente isso que estava acontecendo quando me espetei no velho Simão.

Enquanto isso, as hipóteses continuavam. A dor já não era tão forte, acho que o cérebro dá um jeito de inibi-la quando é realmente necessário. Ou talvez Dunga tivesse encontrado um jeito de bloqueá-la. Ou talvez ainda fosse Barone, não sei.

Tentei imaginá-lo magro e enorme correndo em volta de nós e remexendo nas vísceras do velho Simão para nos tirar desse pesadelo simulado, mas não consegui.

As hipóteses agora pareciam randômicas. Toda e qualquer hipótese, mesmo que nunca tivesse passado pelos padrões usuais do velho Simão, estava rodando. E em todas, Cíntia era morta brutalmente.

Em algum momento ouvi a voz de Anna em meu ouvido.

— Zeno, foi *ele*. Eu sei agora que foi *ele* — disse ela, o terror claro em cada sílaba.

Demorei um pouco para entender.

— Ele *quem?* — gritei.

— *Pier!* — ouvi-a gritar com um ódio que me paralisou.

E então as coisas fizeram um sentido horrível. Porque eu me lembrei que *havia* uma forma de provocar um *looping* no velho Simão. Uma forma hipotética, que nunca fora executado em todos esses anos.

— *Se um suspeito tiver uma memória falsa implantada na hora da conexão, o simulador a identificará como real e a sobreporá a todas as hipóteses* —me lembrei das tediosas preleções de Dunga durante os tutoriais.

O velho Simão tentaria executar a hipótese com base na memória falsa até o fim e falharia, pois o ato não havia sido realmente executado e então ele voltaria à mesma hipótese, já que a memória continuaria a se sobrepor a tudo.

Eu havia checado que Anna era rica, logo não tinha interesses financeiros em Cíntia. Mas alguém podia ter interesses em Anna: seu marido, Píer. Ele tinha o conhecimento necessário, como ex-estudante de psiquiatria forense, para implantar uma memória falsa. E a paciência necessária para esperar que alguém como eu encontrasse a hipótese de Diogo como assassino.

Aí, era só esperar que Anna se conectasse. Com ela transformada em um corpo oco, mantido por máquinas, seria fácil apresentar uma carta de eutanásia consentida, assinada por ela. E o acesso à sua fortuna estava livre.

Cíntia era só um pretexto. As aparências eram verdadeiras, ninguém tinha nada contra ela. Não diretamente em todo caso.

Ela fora só uma isca. *Minha* isca. E eu caíra por seus olhos azuis, fora sugado por esse abismo sem saída. Condenado a esperar até que uma alma caridosa desligasse o velho Simão, o que causaria minha morte-em-vida.

Até lá, se eu não conseguisse enlouquecer de verdade, deixar minha sanidade ir para o buraco de vez, teria que ver minha Cíntia ser assassinada a cada 15 minutos, de novo e de novo, de várias formas, por várias pessoas, até mesmo por mim.

Olhar e olhar, preso para sempre dentro de um arquivo de simulação.

## TRANSPARÊNCIA

Lucio Manfredi

Sentado à beira da calçada, Miguel ficou olhando a transparência das casas. Ela tinha avançado muito desde que a notara, estava quase completa. Podia ver nitidamente uma mulher vendo TV aqui, crianças jogando videogame ali, uma velha tomando banho, uma família almoçando, a menininha dormindo no berço. Lembrou de um filme do Roger Corman, *O Homem com Visão de Raio-X*. Será que eram seus olhos? Ficou preocupado, o final do filme, que viu quando criança, ainda estava bem impresso em sua mente, o pastor dizendo se teu olho te incomoda, arranca e o protagonista levava a mão ao rosto e arrancava os próprios olhos das órbitas. Tinha lido não sei onde que a última frase do filme deveria ter sido um grito desesperado, *eu ainda estou vendo!* mas alguém tinha achado que aí já era demais e cortaram a frase. Eu ainda estou vendo, pensou. No começo, era apenas uma translucidez maior, podia até ser ilusão de ótica, as coisas pareciam mais claras, como se a luz estivesse passando por dentro delas. E é claro que era isso mesmo, de repente a luz era tanta que o interior dos objetos ficava semitransparente, via vultos do que havia do outro lado, sombras semoventes, silhuetas que começavam diáfnas e iam ficando mais e mais sólidas. No entanto, logo percebeu que o fenômeno não atingia substâncias orgânicas, o corpo e seus segredos continuavam impenetráveis, somente a carne resistia a seu novo olhar devassador. Ficou inquieto, estou ficando doente. Se não é dos olhos, é da cabeça. Ou então do espírito. A gente pode ficar doente do espírito, não pode? O cérebro continua funcionando numa boa, mas por qualquer motivo o sujeito encarregado de apertar os botões entrou em parafuso, aí fica mandando pro olho mensagens sobre coisas que não existem. Tipo paredes transparentes. Onde é que isso ia parar, meu Deus? Viu-se arrancando os olhos no lugar do cara do filme, o sangue escorrendo do recôncavo vazio, inundando seu rosto, feito Édipo com a fivela do manto. Imaginou o último grito de Édipo arrastado pra fora do palco, incapaz de achar o caminho por si próprio. *Eu ainda estou vendo.*

No começo, tinha sido engraçado, espionar os vizinhos, olhar por dentro da roupa das mulheres, coisas do adolescente que ele nunca tinha deixado de ser. Mas a graça toda evaporou em pouco tempo, as pessoas são muito monótonas, estão sempre fazendo as mesmas coisas, parecem todas iguais e não demora muito pra esgotar todas as combinações possíveis. Aí, o adolescente entediado se recolhe ao fundo do cérebro, o ofuscamento passa e a gente se dá conta de uma sensação terrível, de que o mundo vai ficando transparente porque está perdendo a solidez, vai ver nunca foi sólido, era só uma ilusão confortável na qual a gente fingia acreditar pra se proteger. A sensação aumentava ainda mais quando Miguel olhava para baixo e via os túneis dos esgotos, as garagens subterrâneas, os porões, o andar de baixo, o chão todo não passava de um buraco sem fim e as pessoas andavam sobre ele equilibrando-se no vazio, com cuidado pra não cair. Logo, ficar em casa tornou-se insuportável e sair era horrível. Só tinha paz se fechasse os olhos, mas aí tinha que ficar parado num canto, sem fazer nada a não ser pensar. Como não tinha muito mais em que pensar, senão naquela bizarrice que transmutara sua vida, o pensamento também se tornava outra fonte de angústia. É, vai ver os surfistas tinham razão, pensar dói.

Sentado à beira do abismo, Miguel ficou olhando os malabarismos que a gente fazia pra não cair no nada circundante, ficou se perguntando o que o impedia, agora que o mundo se fôra. *Caindo, caindo, caindo. Essa queda nunca teria fim?* Bom dia, Sr. Coelho, pra onde o senhor está indo? Estou atrasado! estou atrasado! Talvez devesse procurar um médico. Mas que tipo de médico? Um oculista? Um psicólogo, um psiquiatra? Vai num clínico geral, disse a si mesmo, lá o cara decide do que é que você precisa. Mas de que adiantaria? Não era uma doença, era uma revelação do fundo da alma, uma descoberta de ordem metafísica, transcendental. Ainda que a medicina desse um jeito naquela sua visão de super-homem, isso não eliminaria o apocalipse. *Arquiteto, finalmente te encontrei. Nunca voltará a construir a casa.* A recordação dessa inconsistência do mundo o acompanharia até o fim de seus dias, não ia mais poder trabalhar, estudar, namorar, casar. Que tipo de monstro seria, trazendo mais crianças pra dentro daquela cela evanescente? Melhor, talvez, se recolher a um templo budista qualquer, ficar sentado na posição de lótus, os olhos fechados, respiração diminuída, à espera do nirvana. Tentou imaginar a sensação, como seria aquela paz final, irreduzível. Fechou os olhos. Tornou imediatamente a abri-los, horrorizado. Fechou de novo. Comparou. Olhou para as próprias mãos, que começavam a ficar transparentes, o líquido vermelho fluindo pelas veias de vidro, viu o coração latejando no peito, o almoço digerido no estômago. Deu um grito lancinante, que estilhaçou a construção cristalina do mundo, e saiu correndo, desesperado. Essa queda *nunca* teria fim?

## O QUARTO DO CASTIGO

José Rolim Valença

Da primeira vez ele chorou muito. Chorou até alto, e por mais que se esforçasse para abafar, os soluços vinham fortes, fora de controle, fazendo ele perder o fôlego e sentir pontadas no peito. Mas o pai não perdoou, disse que ia ser castigo de seis horas, e a mãe, que a princípio até parecia sentir pena, só abriu a porta do quartinho depois de escurecer. “– Pode sair agora, Almir”, gritou a mãe destrancando a tramela. “– Seu pai já foi dormir”. Já era noite, os outros já haviam jantado e ele teve que se contentar com umas pontas de pão meio secas e o restinho de maionese no frasco plástico.

Depois, nas outras vezes, ele já sabia o que ia acontecer e estava mais preparado. Na desordem do quartinho de despejo ele começou a esconder sempre um pouco de bolacha num pacote, uma garrafa de água e, às vezes, até um pedaço de chocolate. Atrás das latas de tinta ele encobriu também um travesseiro velho e um banquinho. Mas foi preciso passar por uns cinco castigos para se conformar que aquilo não ia parar mais nunca. Um menino de onze anos não pode escolher.

Agora Almir já conhecia o quarto de cor, mesmo no escuro. Quando ainda era dia, entrava luz bastante para ele saber o lugar de cada coisa. Pena que não tivesse uma lâmpada, porque então ele poderia ler um livro e o castigo ia ser menos penoso. No quarto de despejo havia silêncio e solidão, duas coisas que ele nunca conseguiu ter no mundo dos outros, lá de fora. Era um depósito bem pequeno, quase um corredor estreito, mal construído com sobras de alvenaria e restos de coisas, telhado baixo e sem forro, chão de cimento remendado. A parte que ele podia usar era pouco maior do que o sofá da

sala da casa, porque as duas paredes tinham prateleiras de tábuas cobertas com latas velhas de tinta, amassadas e meio abertas, vidros de solventes, coisas enferrujadas e rolos de fios elétricos arrancados de instalações queimadas, canos entortados e torneiras incompletas. Lixo, tudo sujo e empoeirado, amontoado de qualquer jeito. A família chamava o lugar de "quarto da bagunça", mas para Almir era e cela de sua prisão, que se renovava cada vez que seu pai decidia que ele merecia um punição.

"– Que merda as suas notas este mês. Vá já pro quartinho e fique lá três horas". A mãe mastigava o vazio da boca, em que faltavam metade dos dentes – resultado de uma noitada de bebedeira do marido – e trancava Almir no quartinho. Olhava o rádio-relógio da cozinha e guardava a intenção de soltar o menino talvez um pouco antes. Assim comprava a própria consciência de sua participação na maldade.

Mas o castigo podia vir também de outras causas. Sujar a roupa, estragar o sapato jogando bola, rabiscar desenhos nos cadernos. E a pior de todas: sumir, desaparecer de casa, surdo aos gritos da mãe e da irmã, até o pai chegar e sair procurando pelas ruelas ensopadas de lama da favela, pelos barrancos entupidos de sacos plásticos, garrafas e latas. Quando voltava, os castigo era certo, seis horas de quartinho.

"– Bem feito", ria a irmã.

A rua de Almir era de terra – ou de lama – mas a maioria das casas, como a dele, tinha calçadas estreitas e altas, de cimento, um portãozinho de tábua que dava para uma minúscula área que alguém imaginou que poderia servir para um jardim, sonho impossível naquela encosta de pirambeira, que só servia para acumular mato, pedaços de concreto e ferro, e garrafas de plástico amassadas. Pelo portão, entrava-se em um corredor estreito que percorria todo o lado da casa, onde ficava a entrada da sala. Dentro estavam o sofá velho, a poltrona e duas cadeiras, uma mesinha e a televisão. Era o ponto obrigatório dos quatro da família, numa espécie de hipnose coletiva em frente às novelas das seis, das sete, das oito e os programas sem fim, de brigas, discussões e traições domésticas, trapanças entre vizinhos e toda a espécie de coisas mórbidas. Tudo igual ao dia-a-dia da vizinhança. Isso não ser que houvesse futebol, ou comentário de futebol, ou mesa redonda de futebol, que sempre mereciam prioridade absoluta quando o pai estava em casa. O resto da casa era o quarto da irmã e o quarto dos pais. Na sala pequena a única decoração é uma folhinha com o Sagrado Coração, brinde da farmácia da esquina, pendurada em frente ao sofá, que é a cama do Almir depois que acabam os programas e o futebol e todos vão dormir.

"– Nada de traquinagem, moleque", avisava o pai, "senão você volta pro quartinho".

Mas agora, com a água, o travesseiro e o banquinho, o quarto sem luz era só dele, para esquecer do mundo, fechar os olhos e imaginar. Claro que nunca ele iria contar, mas ficar sozinho era o que ele mais queria e ele até chegava a pensar em ficar no quartinho pela própria vontade. Mas esse era o seu segredo: "– Nunca vou contar a ninguém".

"– No nosso time você não joga mais. Quando o goleiro é você, é frangueiro. Quando está no meio do campo sempre fura os passes, chuta errado. A gente acha melhor jogar com um a menos, pelo menos não atrapalha." E assim acabava a diversão do sábado, a turma sumindo no fim da rua rumo ao campinho, com a bola e as camisas do time.

"– Ô Almir, você sempre está sonhando, nunca presta atenção. Se você não tirar notas melhores nas provas do fim do ano você vai ser reprovado. E não adiante colar, com essa cara de sonso triste. Um dia eu pego." Todos riram da graça do professor, mas sabiam que na hora da prova Almir sempre passava.

À noite, no sofá, Almir tentava dormir pois já era muito tarde, porque passou um filme nacional com Mazzaroppi, que só terminou depois das onze. Ele ainda precisou levar para o lixo as latas de cerveja e os farelos de bolo e esperar que todo mundo fosse deitar, para poder abrir a janela e deixar sair um pouco do fedor dos cigarros no cinzeiro e o ar abafado da sala.

Deitado no sofá, olhando a tela morta da tevê, começou a lembrar que na parede do fundo do quartinho, entre as duas fileiras de prateleiras, havia um pedaço desbotado, um retângulo vertical deixado por um armário que ficou ali por muito tempo e protegeu o espaço da sujeira e da luz do sol que ressecou a pintura das outras paredes. Aquele espaço esbranquiçado era o lugar para onde ele olhava todo o tempo enquanto ficava lá dentro. Mesmo no escuro. Aquela mancha mais clara lhe transmitia uma certa tranquilidade, como se além daquela parede existissem campos verdes, céu limpo, brisa fresca e árvores. O quartinho de despejo, sujo e bagunçado com suas latas enferrujadas, peneiras e carrinho de mão cheio de cimento seco era para ele agora o lugar mais gostoso da casa. A ponto de provocar uma calma tão grande que lhe dava uma sonolência, um torpor intermitente que vinha e voltava durante as horas do castigo.

Na rua, a pressão da molecada estava cada vez mais forte. Almir teve que correr, morrendo de vergonha na frente de todos, quando três meninos, bem maiores do que ele, o cercaram, querendo tomar o pacote de pães que ele trazia da padaria. “– Corre, veado! Vem pra cá bichinha!”

A professora de matemática gozou da solução que ele trouxe para o problema da lição de casa. Ele insistia: “– Mas é assim que tem que ser!”, pois não concordava com a linha de raciocínio que estava no livro. “– Mas professora, precisa primeiro somar tudo e só depois é que dá pra dividir...”

“– Ora, vejam o gênio. Ele sabe mais que o livro. Olha aqui, moleque, eu sou a professora, e o que eu digo é que está certo, tá?”

Em casa, mais um buchicho. “– Merda de nota outra vez! Por que será que eu tive a infelicidade de ter um filho idiota? Pegue seu livro e vá já pro quatinho e estude até quando ficar escuro. Eu quero uma nota boa de matemática, senão você vai dançar na ponta deste cinturão.”

Sentado no travesseiro do banquinho, com as costas apoiadas sobre a parede fria, Almir fita o fundo do quatinho, em frente, a mancha branca, lembrança do armário que algum dia esteve ali. Marcas de dedos, rebocos descascados e nódoas de todos os matizes, cada qual mais feia, mas que agora eram sinais amigos e companheiros de solidão, todos esquecidos no escuro generoso do mundo do quatinho do castigo.

Quando a luz que ainda passava pelas frestas já não era mais suficiente para deixar enxergar os números no livro, Almir se deixou levar pela modorra. As manchas da parede se fundiam combinando-se umas com as outras e criando formas diferentes, nuvens fantásticas, árvores absurdas e caminhos incoerentes. De dentro da moldura desbotada Almir parecia sentir que vinha uma brisa fresquinha, um cheiro de terra molhada, um perfume de capim recém-cortado e de flores de cores vivas e sem nomes. A estrada de pedregulhos à sua frente convidava a correr na chuva, molhar os pés pisando nas poças e deixar escorrer os respingos a água pelos cabelos, umedecendo a boca com as gotas frias. Mais longe, quase fora do alcance da vista, vozes de crianças cantando juntas, brincando de roda, como aquelas figuras nos livros da biblioteca da escola. Da janela da cozinha de uma casa ali perto podia sentir o cheiro gostoso de bolo de milho acabando de sair do forno...

“– Pronto! Pode sair! Você fica tão calado aí dentro que a gente esquece. Parece até que gosta do castigo. Sai, vai pegar seu prato com a janta na mesa da cozinha. Eu vou ter que sair com a sua irmã.”

“– Eu não me conformo como ele aceita ficar preso aí dentro”, comenta a irmã. “Acho que ao invés de estudar ele deve estar fazendo alguma imundície.”

Almir agora descobriu um caminho novo para chegar até o mercadinho e à padaria, sem passar pela via onde poderia dar de cara outra vez com os moleques que queriam lhe bater. É bem mais longe por ali, seguindo até a avenida por onde passam os ônibus, sob as luzes brilhantes e azuladas dos postes altos e os anúncios luminosos das farmácias e postos de gasolina. Um enorme ônibus de turismo passa chiando os freios a ar comprimido, deixando entrever, pelas janelas panorâmicas escurecidas, os rostos de pessoas sorridentes. Dá vontade de ir também para longe, ou até só ir embora, fugir. Mas lhe vem à cabeça a frase da poesia de um livro da biblioteca da escola: “Fugir, para onde?”<sup>1</sup>

Quando o castigo vinha pela manhã, como nos dias em que não havia aula, os sonhos no quatinho eram melhores. Os pensamentos desapareciam mais depressa, a visão gostosa da estradinha com o capim nas beiradas, as poças de água limpa e as flores, tudo se revelava à sua frente mais depressa. As crianças brincando, agora também podiam ser vistas, e embora as brincadeiras parecessem simples de mais, até um tanto bobas mesmo, davam a impressão de que todos estavam se divertindo muito. As meninas maiores “tomavam conta” e até as bem pequenininhas, que mal sabiam andar, davam gritinhos de alegria e se misturavam nas brincadeiras.

“– Como é que você se chama? “A voz era clara como um sininho. Almir olhou assustado, pois não esperava que alguém o tivesse visto. A menina era menor do que ele, de pele clara e cabelos bem pretos, cortados à altura do pescoço. Tinha olhos também pretos e muito grandes. A pergunta pareceu sincera para Almir, alguma coisa de alguém que quer apenas começar uma conversa. A menina não apressou, nem perguntou de novo, só continuou a olhar Almir com curiosidade.

“– Al..., arr (gaguejou e limpou a garganta). Almir. Meu nome é Almir”. E depois de uma pausa, procurando dar ares de bem-criado, perguntou também: “E o seu?”

“– Lígia.”

Andaram juntos pela estradinha, sem dizer nada. A grama ainda molhada tinha um cheiro gostoso, as laminas das folhas brilhando fortes aos raios do sol da manhã..

<sup>1</sup> Do poema de Carlos Drummond de Andrade, “E agora, José?”

As outras crianças mudaram as brincadeiras. Agora estavam sentadas ao redor de uma das meninas maiores e pareciam participar de algum jogo de adivinhação. As menorzinhas se divertiam pisando descalças nas poças de água deixadas pela chuva da madrugada.

Além da curva da estrada, algumas casas pequenas, cercadas de arbustos e de flores, mostravam que eles estavam no caminho da vila. De uma delas parecia vir aquele cheiro gostoso de bolo quente, saindo do forno. Um pouco mais adiante, via-se uma casa maior, que Lígia disse que era a escola, mas como hoje era sábado as crianças brincavam sozinhas.

“– Se você voltar mais tarde, vai ter uma festa no pátio da igreja. Vai ter sorteio e minha mãe vai ajeitar um bolo de milho para as crianças repartirem. Eu vou servir limonada gelada. E correu para a pracinha, olhou para trás e gritou: “– Tchau!”

Lígia entrou correndo na casa das flores e Almir, ainda confuso, tomou o caminho de volta. Passando pelo lugar onde havia encontrado as crianças, notou que elas já tinham parado de brincar. Sentou-se então em uma mureta de pedra à beira da estrada, para pensar.

As formas das manchas na parede desbotada se arrumaram de jeito diferente, destacando outra vez o retângulo alongado. Almir reconheceu, desapontado, que estava de volta ao seu mundo verdadeiro, cinzento e sem sonhos. Agora era de novo o cheiro de jornal molhado, mofo, tintas e solventes, escapando do lixo do chão e das latas meio abertas.

O novo namorado da irmã de Almir parece que tinha privilégios especiais. Podia namorar na sala e ficar até a hora que quisesse, o que queria dizer que o sono de Almir teria que esperar até os assuntos do chamego se esgotarem. “– Tome aqui um real, Almir, e vá brincar lá fora, esta sala é muito apertada para três..”

“– Não, obrigado”. Saiu pela porta da passagem em direção à rua. No portão, hesitou. A rua não tinha nenhum apelo, somente os moleques que queriam se divertir à sua custa, o barulho dos alto-falantes, tocando música alta e distorcida, os carros e as motos, o lixo das calçadas sujas e a eterna lama preta pegajosa. Voltou então pelo corredor até a área cimentada do quintal e sentou no batente da porta da cozinha. Pena que o quartinho do castigo não tenha luz pra ler.

Mas tem o banco, tem o travesseiro, a lata de bolachas. E o sonho.

Resolutamente, entrou e fechou a porta, travando a tramela por dentro. Sentou no banco, encostou a cabeça na parede úmida e olhou cansado para o lugar onde deviam estar as manchas e que agora, no escuro, não podia mais enxergar. Fechou os olhos e sonhou de novo.

Já era noitinha e, da estrada, dava para ver as luzes coloridas e os cordões esticados entre os postes e árvores, ostentando bandeirolas de papel de seda de todas as cores, que dançavam ao vento. Mesmo ao longe dava para ouvir a música da viola e as vozes de um dueto cantando, sem microfones nem alto-falantes.

Lígia estava esperando por ele, sentada num banco da pracinha de grama, sob um poste de luz, um livro na mão e o dedinho indicador marcando a página que lia. “– Que bom que você veio, Almir, eu já estava quase indo para casa. Eles já vão acender a fogueira e logo mais vão sortear bolos e frangos fritos e todas as crianças vão ganhar pastéis. Mas agora estou com sede, vamos beber uma limonada gelada”.

Almir apavorou-se. Não tinha no bolso nem um centavo. Bem que ele deveria ter engolido o sapo do orgulho besta e aceitado o suborno da moeda de um real do namorado da irmã. Foi como se ele tivesse ficado nu, de repente, na frente das pessoas. Enquanto tentava balbuciar uma desculpa olhou para si mesmo e então se desesperou. Debaxo das unhas a crescente preta de sujeira de quem mexeu com graxa, o tênis velho sem cadarços e aquelas meias furadas que ele ia abaixando pelo sapato a dentro à medida que o furo aumentava. A camisa faltando botões e a calça com os bolsos descosturados e sem cinto. Ele queria estar morto, ou em qualquer lugar, menos ali.

Mas Lígia não viu nada disso. Tagarelava e ria e contava que tinha se sentado ali meio escondida porque seus pais queriam que ela acertasse as contas e os papéis da vendinha que eles tinham. E ela era ruim de contas, era mais de fazer coisas, costurar, limpar, botar tudo em ordem. E disse: “– Espere aqui que eu vou buscar”. Saiu correndo esticando a sombra projetada pela lâmpada do poste e as luzes da festa. Voltou bem depressa equilibrando dois copos de plástico cheios de limonada e de pedras de gelo.

Conversaram sobre nada e tudo. Ela contou das coisas da escola e da casa. Ele também queria contar, mas não queria se queixar da vida que tinha, nem queria mentir. Quando ela lhe disse que seu pai estava precisando de alguém para ajudar na venda, para tomar conta, fazer entregas e ajeitar a escrita das compras e dos recibos, ele sentiu um aperto no coração.

O padre estava apagando as luzes do pátio da igreja e os grupinhos de gente começavam a caminhar para suas casas. Lígia pulou do banco e disse: "– Tchau, Almir, venha sempre que puder". Saiu correndo, como sempre, e ele ficou sozinho de novo.

Quando saiu do quartinho e quis entrar na casa, viu que a porta da cozinha e a da sala estavam trancadas. Ninguém havia se lembrado dele. Dormiu no chão do quartinho, com a cabeça no travesseiro e sem cobertor, com os pés empurrando canos e peneiras e restos de cimento.

No domingo à tarde, o namorado novo da irmã veio com um fusca meia-meia emprestado de um primo. Ia levar a namorada e os pais de Almir para um show da Gal Costa, de graça no Ibirapuera. No carro não havia lugar para Almir e, de qualquer forma, ele tinha que ficar porque o pai queria que ele recebesse um pacote que estava esperando. Só voltaram muito depois da meia noite.

"– Mãe, alguém viu o Almir?" perguntou a irmã no café da manhã. "Ou ele já foi para a escola?"

"– Não sei, filha. Não vi o Almir quando chegamos ontem à noite, nem hoje de manhã. Dê uma olhada no quartinho de bagunça. Ultimamente ele tem dado de ficar por lá horas seguidas. Parece até que o castigo já perdeu o efeito."

Pouco depois a irmã volta. "– Não está lá não. Lá só tem os tênis velhos dele e umas roupas sujas."

"– Engraçado", diz a mãe. "Alguém deve ter tomado um banho bem comprido nesta madrugada, porque o banheiro ainda está todo molhado e está inteiro perfumado de sabonete. Alguém usou também meu estojo de unhas e meu pente."

Foram até a gaveta do armário do corredor onde guardavam a roupa do Almir. "– Ihh!, hoje vai dar castigo em dobro. Não é que ele saiu e levou os livros e os cadernos. E foi com o sapato novo, e aquele par de meias que ganhou do tio para ir ao casamento da prima."

"– E a calça jeans de sair. E aquela camisa quadriculada nova, que ganhou no aniversário. Ele vai apanhar muito quando voltar."

"– Estranho, quando entrei no quartinho, achei que o lugar estava diferente, parecia outro. Estava mais fresco e não tinha aquele ar azedo de mofo. Não consigo entender, mas assim que entrei acho que senti um cheirinho gostoso de bolo de milho, como se estivesse sendo tirado do forno na hora, bem quentinho."

## O PACIENTE

Telmo Marçal

A primeira vez que entrei no hospital foi através dos tubos sanitários, um processo espectacular, mas demasiado exigente para o estômago.

Estava a passear numa rua iluminada, percorrida por contratados em mudança de turno, a um nível onde os espíritos livres não são muito bem vistos. O pior tipo de rua para perder a força nas pernas, mas foi exactamente o que me aconteceu. Os Zeladores, que já andavam a rondar perto, atiraram-me para dentro do tubo. Voouuuuchhh, a toda a velocidade, voltas e mais voltas a acelerar no escuro, até que desmaiei.

Ao recuperar dei comigo confortavelmente deitado, preso com cintos a uma placa de plástico. Por cima estava outra cama igual, e logo depois um tecto metálico. Consegui virar-me e olhar para baixo. A minha maca pertencia à quarta fila a contar do chão, num longo corredor preenchido por acomodações semelhantes. O ruído era intenso mas acolhedor: conversas em voz alta, alguns gemidos, uns gritos longínquos de vez em quando.

Inesperadamente, ouvi uma voz junto à cabeça. Havia um altifalante e uma câmara pequenina do lado da parede.

- Finalmente acordou! Tente desapertar os dispositivos de retenção e sentar-se.

Fiquei engasgado com a surpresa.

- Não ouviu? Responda.

- Sim, sim! Estou muito bem. Vamos lá ver se consigo tirar isto.

Não foi difícil. Sentei-me à borda com as pernas a bambolear, tendo cuidado para não acertar no companheiro de baixo. A voz na parede desistiu da conversa.

Normalmente aproveito todas as oportunidades para cultivar amizades. Meti-me com o rapaz do lado mas não lhe saquei uma resposta de jeito. Era um daqueles grandalhões da mineração. Comer não lhes falta, mas com o tempo acabam por ficar estúpidos. Por cima estava uma senhora muito simpática, sem preconceitos e bem disposta. Contou-me que tinha chegado no dia anterior e pediu desculpa pelo cheiro. Tinha tentado evitar, mas... Sosseguei-a logo. Estou mais que imune ao odor de fezes e urina. Foi essa senhora que me ensinou a meter o tubo na boca e a chupar com força. Podia comer tanta papa quanta queria. Aquilo é que foi encher a barriga.

Perguntei-lhe quem eram os de bata castanha que passeavam no corredor, subindo aos escadotes de vez em quando para espreitar um companheiro. Explicou que eram os funcionários do Serviço Social de Saúde. Só então compreendi que estava num hospital.

- O senhor vai ter alta dentro de três minutos – informou o altifalante. – Deite-se e volte a prender os dispositivos de segurança. O sistema é automático.

Mal tive tempo para as despedidas. A maca rodopiou para dentro de um buraco que se abriu na parede. Acelerei no tubo de transporte até ser despejado na rua, muito atordoado.

Tinha conhecido o paraíso. Ar filtrado, de certeza com mais de 20% de oxigénio, temperatura constante, comida e água desinfectada, modos educados e boa companhia. Meti na cabeça que havia de lá voltar. De preferência através de uma porta; nos tubos acabo sempre por desmaiar.

Eu sou um tipo sabido e tenho conhecimentos. O amigo Aldus era a pessoa indicada para me dar bons conselhos.

Aldus é um senhor: tem residência fixa e cartão plastificado que lhe dá direito a um saco de comer todas as semanas. Encontrei-o em casa. Chamei através da grade metálica encostada ao lancil e convenci-o a deixar-me entrar. A experiência de Aldus com hospitais podia ser uma ajuda preciosa.

Em tempos, Aldus tinha um contrato de trabalho e habitava cinco níveis acima. Conta que vivia numa casa com dois quartos, ambos de tamanho suficiente para um homem se deitar ao comprido (eu desculpo-o destas pequenas bazófias e nunca lhe chamei impostor). Um dia a pega do cadinho partiu-se e ele apanhou na cara com umas gotas de metal líquido. Estava sem capacete; tinha-o posto a arranjar e não havia sobressalente.

A actual casa de Aldus não tem altura para ficarmos de pé, mas se nos acorarmos, um frente ao outro, cabem perfeitamente duas pessoas.

- É como te digo – expliquei -, arranjo-te ligaduras novas para as feridas e com sorte até uma pomada. Só preciso que me ensines a melhor maneira de ser atendido no hospital.

Existe uma pequena porta onde toda a gente é autorizada a entrar na sua vez. Já tinha ouvido falar, mas julgava que era uma daquelas histórias malucas que se contam para passar o tempo. A porta fica no enfiamento de um beco muito estreito e comprido; só quando se chega mais ou menos a meio é que nos apercebemo-nos da multidão compacta. Aldus preparou-me para isso, o único segredo é ter paciência. Tentar furar através daquela malta dá mau resultado: fica-se estendido ao comprido com as tripas de fora.

Quando os porteiros me empurraram para dentro lacrimejei de contentamento. Com o impulso quase me estatelava no chão, mas consegui manter a compostura. Um Zelador especial tocou-me as costas com o bastão, a indicar a fila que devia tomar para fazer a inscrição. Assobieei baixinho; aquela era uma fila digna de se ver. Retorcia-se em várias voltas no espaço central da grande sala.

Constatee com os meus próprios olhos o que Aldus me explicara sobre o método de acelerar aquela fase. Quem se deixava cair era, mais tarde ou mais cedo, transportado de carrinho e desaparecia por uma das portas. Mas eu sabia onde estava a armadilha: qualquer desfalecido apanhado na batota tinha um encontro com o ferro em brasa; ficava com uma recordação do feito vincada na testa. E é muito difícil sobreviver por estas bandas depois de marcado. Perdem-se todos os direitos de cidadania.

Quando chegou a minha vez coloquei logo a palma direita na ranhura. Ouviu-se uma voz delicada:

- Ramirus Demétricos. Confirma? Sim ou não?
- Sim, sim...
- Esteve internado ontem. Teve alta às 15 horas, 36 minutos. Confirma? Sim ou não?
- Sim, é verdade!
- Que queixas apresenta? Seja sucinto e objectivo.
- Tonturas, muito fortes. Já hoje desmaiei outra vez.

O recepcionista, electrónico mas inteligente, fez uma breve pausa e concluiu os seus deveres para comigo:

- Apanhe a ficha que vai cair no tabuleiro. Desenrole o fio e pendure-a no pescoço. Caminhe até chegar à parede que se encontra do lado oposto. Siga para a sua direita. Entre no corredor. Atravesse a porta número 26. Mostre a ficha no guichet à entrada.

Fiquei deliciado quando o guichet da sala de espera informou que tinha direito a um lugar sentado. O terceiro banco da nona fila ser-me-ia disponibilizado no tempo estimado de 32 minutos. Coloquei-me de imediato em posição de o tomar.

Sentei-me repimpado e distribuí cumprimentos à esquerda e à direita. De um lado estava uma mulher, com uma criança nos braços, que só respondeu com grunhidos. Reparei que a criança estava morta há alguns dias, a julgar pela cor da pele. No lado contrário estava abancado um adaptado.

- Então o que o trás por cá, amigo? – perguntei eu, para meter conversa.

Ele aproximou-se e confidenciou entre dentes:

- Reformei-me há dois dias. Já não preciso do terceiro braço. Vou dizer que funciona mal para ver se mo tiram.

Ficámos ali na cavaqueira até o chamarem. O lugar foi ocupado por um Zlorthil, não sei dizer se macho ou fêmea. Não me rebaixo a falar com macacões peludos. Apreciei-o ambiente até ouvir o meu nome ao altifalante, ordenando que tomasse fila para a sala de triagem.

Partida do destino: fui atendido por um Zlorthil. Ostensivamente fêmea, já que fazia questão de usar saias. Meti o despeito no saco e respondi às perguntas com a máxima polidez. Quando se deu por satisfeita, a Zlorthil apontou um comando e o meu medalhão ficou a piscar com a cor amarela. Eu teria preferido o verde; segundo Aldus, um indivíduo classificado a verde levava mais de quatro horas a ser atendido.

- Nada de bancos para amarelos – gritou o Zelador local.

Em contrapartida tive direito a uma golada de água e a chupar no tubo da comida. Mas apareceu-me pela frente um companheiro, com a cara coberta de sangue seco, que me arrancou o tubo com um puxão.

- Olha lá! Cara de cú mal enrabado! – disse-lhe eu. - Ainda não te puseram bom de uma e já queres levar outra? Vou-te foder os cornos.

Seguia à risca os avisos de Aldus: ali dentro podia provocar à vontade mas nada de apelar ao físico. O rapazola até se engasgou. Largou o tubo e espetou-me duas chapadas. Vacilei mas não fui ao tapete. De repente abriu-se uma brecha na roda que se formara em volta. Saltaram para o meio dois tipos fardados a negro. Aviaram-lhe valentemente; enquanto ali estive não dei por que se voltasse a levantar. Curiosamente, ninguém se deu ao trabalho de o levar para dentro. Como compensação tive direito a emborcar mais uma dose de pasta.

- Amarelo Ramirus Demétricos. Fila da sala 12.

Aquela era uma fila rápida. Sempre a andar até transpor a porta da sala, e lá dentro o ritmo pouco abrandou: estavam três médicos a atender os pacientes. A mim calhou-me um velhote que parecia já ter passado por melhores dias. Tinha a calva manchada de cinzento e a bata toda besuntada. Mas era extremamente profissional: conseguiu fazer o diagnóstico e determinar a cura sem levantar a cabeça dos papéis. Gostei de falar com ele. Mesmo depois de ter tocado o besouro, a assinalar o fim do tempo de consulta, ainda me disse:

- Agora vê lá meu rapaz! Não te metas em aventuras. Deita-te a horas e come muitos vegetais. Olha que com as viroses não se brinca. Abre a mão e pega lá dois comprimidos.

E foi assim, como num sonho. De repente tudo terminara e eu estava novamente a palmilhar ruas. Mas agora já sabia o caminho. Um ou dois dias de intervalo, para não abusar, e lá arranjaría forma de regressar ao conforto do hospital.

Achei estranho. O beco onde se aguarda vez estava apinhado até à boca. Na própria rua, a atrapalhar o trânsito, acumulavam-se centenas de pessoas. Os Zeladores rodeavam a multidão mas não estavam a incomodar. Primeiro pensei que fosse uma purga. Tinham juntado ali a malta antes de os meter nos cargueiros. Mas a última fora há tão pouco tempo...

Decidi aguardar para ver o que acontecia. Reparei num indivíduo a abandonar o magote e encaminhar-se para os meus lados. Aproveitei para o interpelar:

- Ora viva, amigo! Então que raio se passa aqui hoje?

- Ninguém sabe. Eu cá desisti. Cheguei há mais de duas horas. Estou mesmo à rasca. Vou-me embora antes que tombe e alguém me passe por cima.

Eu reparei que o tipo estava todo chagoso e dei logo um passo atrás.

- Hé! Diga-me só uma coisa: eles hoje não estão a atender?

Respondeu-me por cima do ombro, enquanto se afastava a cambalear:

- Acho que sim, só que demoram mais do que o costume.

Eu cá não tinha pressa. Dirigi-me em linha recta para a multidão, sempre de cabeça baixa, temendo levar alguma bastonada. Deixaram-me passar sem problemas. Aguardei. Nesse dia até já tinha comido; uma incursão sorrateira à cinta dos despejos. Podia aguentar perfeitamente mais de dez horas sem incómodo de maior. Mas nem foi preciso tanto.

No fundo do beco esperava-me uma surpresa. A cada lado da porta postavam-se dois jovens, com fardas como nunca tinha visto. Verdes, luminosas, bem vincadas, com dísticos brilhantes pregados no peito. Não traziam capacete, pude-lhes ver a cara. Tinham ar de primeiro nível, como as fotografias das revistas: pele lisa, dentes brancos e cabelo exageradamente rapado. As mãos pendiam soltas, enluvadas, sem empunhar bastões ou chicotes. Quando chegou a minha vez fiz uma pausa entre os dois, à espera do empurrão no cachaço.

- O senhor não deseja entrar? – inquiriu um dos jovens sem desfazer o sorriso.

Só quando repetiu a pergunta é que compreendi que era comigo.

- Sim... Sim! Estou muito mal. Por piedade Senhor. Vou fazer o tratamento. É só hoje, prometo não voltar a incomodar.

- Então faça o favor de entrar.

Aquilo tresandava a ratoeira. Mas as opções eram muito limitadas. Avancei a passo de corrida.

A sala era a mesma só que não parecia: faltava-lhe o calor da multidão. O ar tinha tanto oxigénio que queimava os pulmões. Os escarros, sangue, vómitos e beatas haviam desaparecido. E o cheiro? Tão estranho; forte e agonizante. As poucas pessoas dispersas pareciam tão espantadas quanto eu.

Não descobri um único rececionista electrónico. Ao longo de toda a parede estavam dispostas mesas, com gente de carne e osso atrás de cada uma. Comecei a ficar apreensivo e pensei que seria melhor recuar para ganhar perspectiva sobre a situação. Mas a pessoa da mesa mais próxima acenou veementemente e chamou:

- Hé! O senhor. Faça o favor de avançar para fazermos a inscrição.

Dei um passo em frente, a tremer da cabeça aos pés.

- Como se chama?

- Ramirus Demétricos - balbuciei.

- Tem cá ficha ou é a primeira vez?

Que raio queria ele dizer com aquilo da ficha? Hesitei. O homem levantou a cabeça e fitou-me. Era demais: cara branca sem cicatrizes, dentes completos, olhos luminosos, nenhuma marca ou tatuagem. Mais um dos níveis superiores? Alguma coisa tinha de lhe responder.

- Não tenho fichas, Senhor.

- Compreendo. Vamos deixar as formalidades para depois. O que é preciso é que o senhor seja atendido, não é verdade? Queira aguardar vez na sala de espera.

Acenei a minha concordância e estendi a mão para recolher a placa. O jovem debruçou-se sobre a mesa, agarrou-me a mão e sacudiu-a delicadamente. Voltei para trás meio atarantado. Não tive oportunidade de seguir o conselho da prudência, que era procurar a saída mais próxima e tentar escapar; um Zelador de sorriso apontou-me a porta de uma das salas de espera.

Desta vez sobravam cadeiras na sala. Alguns, mais abatidos, até estavam deitados em macas. Dadas as circunstâncias arrisquei a tomar de imediato um dos lugares disponíveis. Ninguém protestou. O silêncio na sala só era interrompido pelas convocatórias do altifalante.

Quando ouvi o meu nome levantei-me num salto. Não sabia bem que fazer, pois ainda não tinha descoberto onde se formava a fila da triagem. Senti uma mão a pousar no ombro.

- É o senhor Ramirus? Dirija-se ao consultório número 28. É esse aí à sua frente.

Esgueirei-me para dentro do consultório sem olhar para trás. Mais uma sala quase deserta. Só eu e um homem de bata impecavelmente branca. Deixei bater a porta e preparei-me para o pior. Sempre ouvi dizer que eles se dão a cerimónias antes de aplicar a receita final. Decidi tomar a iniciativa:

- Sou um cidadão consciencioso e respeitador. Ultimamente não tenho sido muito útil à nossa comunidade. É porque estive doente, uma coisa de nada que já passou. Está a ver Doutor? Mais robusto que nunca e pronto para o trabalho. Pode até ser nas minas ou em órbita. Assino qualquer contrato. Já me sinto muito melhor.

- Assim é que é falar, jovem – respondeu friamente o meu carrasco. De qualquer modo vamos aproveitar para lhe fazer um exame completo. Sente-se, por favor.

Obedeci, claro. E a tortura começou. Para preliminares obrigou-me a mijar para um frasco e sangrou-me com uma seringa. De seguida aplicou fortes apalpadelas em vários sítios do corpo, primeiro com as mãos e depois com instrumentos metálicos. Mas tudo muito brandamente. Estava a medir a minha resistência, ou a identificar os pontos onde a eficácia do suplício fosse maior. Se calhar iam utilizar métodos biológicos. O sangue e a urina deviam servir para afinar uma cultura de micróbios específica.

Sempre que não tinha nada enfiado na boca, ou não me era exigido silêncio absoluto, continuei a implorar piedade. Confessei tudo, mais algumas coisas que nem tinha feito. Denunciei praticamente toda a gente que conhecia. Ofereci-me para trabalhar com os Zeladores, como agente infiltrado. Até que o homem se deu por satisfeito e voltou a sentar-se. Olhou-me com uma expressão preocupada. Era chegado o momento da sentença.

A porta abriu-se atrás de mim. A sala foi invadida por um grande grupo de pessoas, a maior parte humanos.

- Um dos nossos consultórios Embaixador. Aqui cada paciente tem direito a um tratamento personalizado, assegurado por um profissional credenciado e competente. Apresento-lhe o Doutor Jamiliares. Um homem de elevado sentido cívico. É chamado a assistir as mais altas personalidades da nossa comunidade. Todavia insiste em cumprir parte da sua vocação nos níveis socialmente mais humildes.

A comitiva abafou um "Ooh" de admiração e reconhecimento. A personalidade resplandecente designada por Embaixador levantou uma sobranceira e inspirou ar para o discurso.

- Estou deveras surpreendido com tudo o que me tem mostrado, Senhor Administrador. Ao longo dos anos chegaram-nos tantos boatos... digo mesmo, tantos testemunhos, procurando convencer-nos que os seres desta Unidade Produtiva viviam uma existência deplorável. Viajei de muito longe para ver com os meus próprios olhos. E até agora só encontrei motivos para louvar a Administração.

«Por certo que uma grande comunidade gera sempre a sua percentagem de párias e deserdados da sorte. A ética rigorosa dos Mandamentos Contratuais obriga os concessionários a suportar os custos inerentes. Todos os seres pensantes têm direito à dignidade, a qual constituí em primeira análise a missão fulcral da Companhia. O lucro e o poder mais não são do que consequências inerentes à nossa condição civilizadora. Não fraquejaremos jamais. A tocha flamejante do amor ao trabalho, como forma de realização suprema dos seres pensantes, iluminará por nosso intermédio as mais recônditas paragens da galáxia».

Até o Doutor Jamiliares se juntou aos aplausos, depois de secar ostensivamente uma lágrima. Eu também estava emocionado, e com um ensejo enorme de meter a colherada para implorar clemência. Mas o homem empertigado ao lado do Embaixador foi mais expedito.

- Excelência. Prometi que lhe demonstraríamos, sem margem para quaisquer dúvidas, que os nossos detractores não passam de embusteiros invejosos. Capazes das mais vis calúnias para ensombrar a nossa imagem aos olhos dos Accionistas. Libertinos e anarcas, que espalham toda a sorte de boatos sórdidos. Dizem eles, que na manufactura dos micro reactores os turnos duram uma vida, a qual nunca excede os três meses. Fizemos questão que nos acompanhasse numa inspecção de surpresa. Que trocasse impressões com os operários saudáveis e bem dispostos. Eles próprios confirmaram a Vossa Excelência, o elevado rigor das medidas anti contaminação radioactiva que praticamos.

Uma senhora muito branca e magra, vestida com uma espécie de lençol até aos pés, deu um passo em frente e agarrou o braço do Embaixador.

- Nesta Unidade, Excelência, só esterilizamos fêmeas por questões de saúde, depois de esgotados todos os recursos da medicina. As nossas pacientes com desarranjos mentais graves; uma percentagem ínfima, por certo, mas também as temos. A escumalha mentirosa e improdutiva clama a alta voz que a esterilização à nascença é regra, e que escondemos viveiros com mulheres seleccionadas, que fazem produção de filhos em série para alimentar a força de trabalho.

Depois falou ainda um Rapunso. Todos os escutamos com muita atenção, se bem que dificilmente alguém tenha compreendido uma só palavra. A besta estava na sua fase má; percebia-se pelas cores da papada.

O Embaixador parecia tão enfadado da conversa como eu, e nem sequer tinha a vantagem de estar sentado. Ao fazer sinal de que pretendia seguir para outras paragens desejou-me rápidas melhoras.

Voltei a ficar a sós com o Doutor, deveras arrependido por o ter tomado por um vulgar torturador de bairro. Mas foram apenas uns instantes. Dois Zeladores, com as insígnias do meu nível, entraram de rompante pela porta mais pequena. Um deu-me um pontapé nas canelas e o outro aplicou o

joelho em cima do meu peito, quando completei a queda até ao chão. Arrastaram-me para o corredor, sem sequer dar tempo ao Doutor de proferir o diagnóstico.

Abriam a portinhola do tubo sanitário mais próximo e enfiaram-me lá para dentro. Quando um deles ia iniciar a inserção dos códigos, determinando o destino da viagem, o outro interrompeu-o e lançou uma dúvida:

- Para onde o vais mandar?

- Hã? Para uma câmara de excedentes, claro. Eles lá que decidam o que querem fazer. Papa nutritiva, aproveitamento de órgãos... isso já não é comigo.

- Espera aí! Com esses espiões da Companhia por cá as coisas são diferentes. É melhor perguntar.

Enquanto trancavam a portinhola, ainda consegui perceber a resposta do intercomunicador:

- Todos os cuidados são poucos; as eliminações estão temporariamente suspensas. O principal perigo são os boatos. Mandem-no para baixo. O nível 24.<sup>o</sup> é bastante seguro.

Voouuchhhh. A minha experiência hospitalar acabava como começou. Antes de desmaiar pensei: «Filhos da Puta! No nível 24 respira-se por tubos, não tem atmosfera. E estes gajos nem um fato protector me dão».

Como já estava a ficar farto dos tabefes resolvi fazer-lhes a vontade e abrir os olhos. Maravilha das maravilhas. Afinal tinha regressado ao hospital. Estava atado a uma das macas junto ao pavimento. Os dois senhores e o Zlorthil que me rodeavam em pé também pareciam felizes. Depois de conseguir que me pusessem o alimentador na boca não os importanei mais. Espetaram agulhas e puseram ligaduras até se fartarem. Depois afastaram-se recomendando-me que descansasse.

Acordei quando os senti a aproximar de novo, mas também não abri logo os olhos. Pela conversa percebi que eram apenas dois, e a um deles consegui reconhecer a voz.

- Raios me partam. Malvada a hora em que me meteram nesta trapalhada. Tenho o consultório cheio de clientes. Estou a desperdiçar uma fortuna. Sempre quero ver a ridicularia de indemnização que vou receber da Administração. Então e este gajo não acorda? Se calhar foi desta para melhor...

Não havia engano possível. Era o velho Doutor Familiares. Estava entre amigos.

- Olhe, doutor. Abriu os olhos.

- Um deles não deve servir para grande coisa, está todo infectado. Sempre chegaram a processar as análises? Dê-as cá... Porra, isto está mesmo mal! Se o deixarem à solta não dura mais seis meses. E os seus meninos ainda tinham de lhe partir duas costelas.

- Já lhe demos antibióticos e complementos alimentares. Mas gostávamos de ter a sua opinião. Afinal é o senhor que terá de o acompanhar à entrevista com o Embaixador. Temos só oito dias para o pôr fino e apresentável. E ainda falta tratar da questão psicológica; não o queremos a dizer disparates. Só para o condicionamento cognitivo mínimo são precisas dez horas seguidas. E vai ficar com a cabeça queimada quando passarem os efeitos da implantação de memórias.

O Doutor não respondeu. Limitou-se a resmungar enquanto calçava uma luva quase transparente. Depois começou a espetar-me os dedos dos pés à cabeça. O que aquele homem gosta de me apalpar.

Da conversa que tiveram os dois houve muitas coisas que não percebi. Mas pareceu-me que no essencial se puseram de acordo. As fracturas mais antigas eram para voltar a partir e soldar por um processo expedito. O olho pior era para arrancar e substituir por um novo. O cabelo e a barba rapavam-se para espalhar cremes à vontade. O Doutor Familiares achava difícil arranjar produtos de viveiro para substituir algumas partes por dentro. Mas o outro, com um telefonema, resolveu logo a questão: tinham um excedente compatível a jeito.

Foram os melhores dias de toda a minha vida. Um quarto só para mim, écran, lençóis, nem a mais pequena dor. Os braços e uma das pernas estavam rígidos e entrapados. A outra perna tinha sido levada, com a promessa de ma devolverem assim que possível. Mas para que precisava eu de membros se me levavam todas as delícias à boca? Só lamento ter estado tão pouco tempo acordado.

Havia uma senhora, ainda jovem, que me passava panos molhados pela cara e pelo pescoço quando eu regressava das sessões. Estava sempre atenta a qualquer necessidade e conversava comigo. Habituei-me a pensar nela como a minha primeira namorada. Num dia em que estava especialmente bem disposto, resolvi comunicar-lho.

- Deixe-se dessas merdas! – retorquiu ela, enquanto ia mudando os tabuleiros das fezes.

Não percebi se fazia referência aos meus comentários, ou aos produtos que manipulava. Acho que ficou nervosa.

- Muito bem, senhor Demétricus. Fique quieto. Vou-lhe colocar estes – não percebi o nome – na cabeça. A lavagem ao cérebro começa dentro de duas horas.

Foi a última frase que lhe ouvi. Satisfez o meu pedido de deixar o écran ligado, mas saiu porta fora sem uma palavra. Estavam a passar imagens de um boletim informativo que achei muito interessante. Conhecia quase toda a gente: o Embaixador da Companhia, o Senhor Administrador, e outras pessoas que me recordava de ter visto na consulta. O Embaixador estava de partida e os outros faziam as despedidas. O Administrador lamentou muito a emergência que obrigava o seu grande amigo a regressar a casa, mais cedo que o previsto.

Fartei-me de esperar mas não apareceu ninguém. Comecei a sentir algo a que já não estava habituado: as velhas dores regressavam, e traziam novas companheiras. Quando não aguentei mais desatei aos berros. Foi inútil. Mas eu já podia mexer os braços e não sou parvo de todo. Artilhei a seringa com o produto do costume e resolvi o problema.

Acordei numa rua sem trânsito em pleno turno de repouso. As luzes estavam quase todas apagadas. Levantei-me apoiado à parede. Estava cheio de forças mas a perna fazia-me alguma falta. Consegui orientar-me e empreendi caminho até à casa de Aldus. Quando não precisasse das ligaduras cumpriria a promessa feita ao meu amigo.

Por mero acaso, durante uma paragem para descanso, enfiei a mão no bolso da bata. Cheguei-me a uma lâmpada de presença para reconhecer os achados. Um cartão branco plastificado, igual ao de Aldus, e um bilhete anónimo: «Foi tudo quanto consegui arranjar. Pelo menos não morrerá de fome. Não volte ao hospital. O chefe dos Zeladores ficou muito contrariado por lhe termos dado alta. Ele acha que a eliminação seria o método mais seguro».

Costumo contar esta história aos amigos quando os encontro cabisbaixos. Como tem um final feliz é ótima para levantar o moral. Todos me gabam a fatiota nova e o ar saudável. Eu limito-me a sorrir ao de leve e a elucidar:

- Devo tudo ao hospital, meus amigos. Não existe lugar mais maravilhoso neste mundo.

(continuação da página 12)

Somente no número 13, de janeiro de 1987, o *Somnium* apresentou-se com o que consideramos ser sua primeira capa ilustrada — na verdadeira acepção do termo segundo nossa opinião.

Trazia ilustração, especialmente desenvolvida para a capa do *Somnium*, de autoria de Roberto de Sousa Causo que, uma vez mais, foi ilustrador pioneiro em nossas páginas. Seriam também de sua autoria todas as artes que ilustraram as capas seguintes, até a edição número 16, de abril de 1987.

Na edição número 17, de maio de 1987, a ilustração da capa era de autoria de Cesar Ricardo Tomaz da Silva, nosso Cerito, que já tivera algumas ilustrações de interior publicadas em números anteriores do *Somnium*, participação iniciada na edição número 9, de setembro de 1986.

Causo e Cesar dominaram as ilustrações de capa do *Somnium* em 1987, alternando-se durante todo o ano, com uma ou duas exceções apenas.

Registre-se que em dezembro de 1987, com 25 meses de existência, o *Somnium* já contava com 25 edições — ou seja, tinha periodicidade mensal que prevaleceria ainda por um bom tempo.

A presente edição, a última deste ano de 2005, traz o número 92 e está sendo publicada no transcorrer do 20º aniversário do clube. São portanto 93 edições em 240 meses, algo menos do que 3 edições/ano, em média. Se tivessem sido edições quadrimestrais regulares durante todo este período, menos mal. Como serão os próximos anos dependerá apenas de que cada um faça a sua parte...

....inclusive enviando ilustrações para ocupar espaços como estes.

## **Vaca Profana - Encruzilhadas**

Rogério Amaral de Vasconcellos

Romance

Prefácio de André Carneiro

Capa de Paulo Maya

Formato 12 x 18 cm

81 páginas

O mundo mudou para sempre em 11 de setembro de 2001, e também mudou para Raimundo, um brasileiro, homem de sucesso, um malandro de marca maior, mestre das falcatruas.

Infelizmente, ele estava no local e hora errada: em um dos aviões que colidiu com a WTC, em Nova Iorque, no que viria a ser um dos maiores atentados terroristas da história...

Longe do burburinho da grande metrópole, no meio do deserto da Mongólia no século XIX, Andreas e Dimitri estão prestes a fazer uma descoberta que também mudará suas vidas. Isso se não matá-los antes...

Em um futuro remoto, num mundo distante, Zandra, a principal cientista de um povo-árvore, comanda um experimento que poderá colocar o tempo e o espaço sob seu comando. Ou lhe trazer a destruição final...

Em 2228, o navegador Nehud Al-Shamalia vai até onde nenhum homem jamais esteve...

Tempo e espaço, passado e futuro, morte e ressurreição se encontram nas páginas de 'Vaca Profana - Encruzilhadas'.

Veja como tudo começou.

Livro que dá início à saga do projeto Slev. Um grupo de escritores que se encontraram para escrever uma série de ficção científica brasileira, um novo e emocionante universo compartilhado.

Preço R\$ 12,00 com frete incluso. Remessa simples via Correios. Outra forma de envio, favor consultar. Pagamento através de depósito, transferência online, boleto bancário ou cheque nominal. Revendedores entrem em contato.

Disponível na Scarium Online (distribuição nacional)

[http://www.scarium.com.br/ficha\\_de\\_pedido.html](http://www.scarium.com.br/ficha_de_pedido.html)

[atendimento@scarium.com.br](mailto:atendimento@scarium.com.br)

Divulgando os autores nacionais de Ficção Científica

Scarium Magazine — Editado por Marco Bourguignon

"Ficção Científica, Fantasia, Terror e Mistério"

<http://www.scarium.com.br>

<http://www.scarium.com>